O LIVRO DOS JUÍZES - INTRODUÇÃO

Não. Não vou falar de Operação Anaconda aqui, fiquem tranqüilos. Já explico que negócio é esse de "Livro dos Juízes".

Após a morte de Josué, Israel, uma nação recém-nascida, passou por um longo período de instabilidade política. Sem uma liderança forte e centralizadora, os israelitas sentiam-se livres. Só que se esqueceram que ninguém é livre quando tem um Deus ciumento e temperamental feito Javé; então esse período foi também de muito sofrimento para Israel. Numa tentativa de botar o povo na linha, alguns líderes foram indicados por Javé. Tais líderes eram chamados juízes. Os juízes sucediam-se em rápida seqüência, e foram os chefes de Israel até a insituição da monarquia, com o rei Saul.

O livro dos Juízes é um dos mais interessantes de toda a Bíblia. Nele encontramos, por exemplo, aquele que eu considero o maior dos super-heróis: Sansão. E não só ele: é um livro repleto de aventuras, reviravoltas e, mais importante, SANGUE!!!

Assim como Josué, Juízes é um livro curto: apenas 21 capítulos. Então não se preocupem: vai doer só um pouquinho...

JUÍZES - O COMEÇO

(Juízes 1 e 2)

– Ê, já começou na base da preguiça...

Nada disso, nada disso! Esses dois primeiros capítulos do livro dos Juízes são, na verdade, uma rápida narração do que aconteceu no período entre a morte de Josué e a subida dos Juízes ao poder. Sendo assim, achei por bem condensá-los num só capítulo por aqui. Logo no começo, então, ficamos sabendo que as tribos de Judá e Simeão aliaram-se para expulsarem os cananeus e perizeus de seus territórios. Eles expulsaram os dois povos, matando dez mil homens numa cidade chamada Bezeque. Por lá encontraram um certo Adoni-Bezeque. Sei não, mas acho que não era o nome do cara: baseado em meus rudimentares conhecimentos de hebraico, arriscaria dizer que Adoni-Bezeque significa "O Senhor de Bezeque". Bom, não importa: o negócio é que os judaítas (ou judeus!) e simeonitas perseguiram e prenderam Adoni-Bezeque. Esse cara tinha o costume de cortar os polegares e dedões dos pés dos reis das cidades que conquistava. Já havia feito isso com setenta reis, que então apanhavam megalhas sob sua mesa. Os israelitas, inspiradíssimos, fizeram a ele o que ele havia feito aos outros, e o levaram cativo para Jerusalém, onde morreu.

Jerusalém??? Pois é! Jerusalém foi incorporada ao território israelita pela primeira vez na História: os homens de Judá mataram todos os seus habitantes e atearam fogo à cidade. Depois disso, lutaram contra os cananeus que moravam nas montanhas, no deserto ao sul e nas planícies de Judá. Conquistaram também Zefate, e só não conseguiram expulsar os moradores de Gaza, Asquelom e Ecrom, cidades litorâneas, porque possuíam carros de ferro. Ué, alguém há de perguntar, mas Javé não podia dar uma forcinha? Eu devolvo a pergunta.

O que eu disse no parágrafo anterior? Que os homens de Judá invadiram Jerusalém e mataram seus moradores, certo? Pois é, mas verossimilhança não é o forte da Bíblia, então logo na segunda metade do primeiro capítulo de Juízes temos uma contradição

gritante: é dito agora que os homens da tribo de Benjamim não expulsaram os jebuseus de Jerusalém, passando a conviver com eles. Nem vou tentar entender isso, pulo para a parte seguinte: Os povos das tribos de José (Efraim e Manassés) saíram juntos para a guerra. Quando foram atacar Betel (antes chamada Luz), pegaram um homem que ia saindo da cidade e o ameaçaram de morte caso não dissesse como os israelitas podiam entrar na cidade. O tal homem, que não era nada besta, entregou logo o serviço e os israelitas tomaram a cidade. Todos os habitantes foram mortos, com exceção do traidor e sua família, que se mudaram para a terra dos heteus e fundaram uma cidade chamada Luz, em homenagem a seu antigo lar.
Muito bem, uma conquistazinha aqui, um genocidiozinho ali, e os israelitas iam tomando posse definitiva da terra. Só que no processo foram desleixados algumas vezes. A tribo de Manassés, por exemplo, não expulsou os habitantes de Bete-Sã, Taanaque, Dor, Ibleão e Megido. A tribo de Efraim não expulsou os habitantes de Gezer, pelo contrário, ficaram morando com eles ali. A tribo de Zebulom não matou nem expulsou os moradores de Quitrom e Naalol, mas os fez escravos. O mesmo fez Aser com as cidades de Aco, Sidom, Alabe, Aczibe, Hleba, Afeca e Reobe, e Naftali com Bete-Semes e Bete-Anate. A tribo de Dã deu vexame maior ainda: foi expulsa para as montanhas pelos amorreus. Coisa triste. Como se vê, os israelitas deixaram de cumprir uma ordem clara de Deus: matar todo mundo que estivesse no caminho. Javé ficou puto, como era de se esperar, e mandou um anjo para dar um recado a Israel:
– Aê, seus mequetrefes! Eu fiz de tudo por vocês, e vocês prometeram que seriam fiéis a mim, que me obedeceriam e não sei o que mais. Pois foi só o Josué morrer pra vocês começarem a fazer cagada, né? Acham que eu não tô vendo que há vários estrangeiros morando aí com vocês, é? Mas deixem estar: agora EU é que não vou querer que esses povos sejam expulsos: eles vão continuar morando aí entre vocês, e eles acabarão sendo seus inimigos. CÊS TÃO FODIDOS!
Quando o anjo terminou de dar seu rescado, o povo abriu o berreiro e começou a oferecer sacrifícios a Javé, pra ver se aplacava sua ira. Adiantou nada. Mesmo porque, influenciado pelos cananeus remanescentes em suas cidades, os israelitas começaram a adorar outros deuses. O que aumentou mais ainda a raiva de Javé, claro. Ele tentou até consertar a situação, indicando juízes para liderarem o povo.
E com isso começamos o tempo dos juízes, um período de grande instabilidade em Israel. E com um começo muito chato, como acabamos de ver.

OS PRIMEIROS JUÍZES

(Juízes 3)

Oba, vamos começar com a sanguinolência!

Arram...
Vamos ao terceiro capítulo do livro dos Juízes, foi o que eu quis dizer.
Como vimos no capítulo anterior, alguns povos continuaram habitando Canaã ao lado dos israelitas. Eram os filisteus (*Tava jogando sinuca / uma nega maluca / me apareceu / tinha um menino no colo / e dizia pro povo / que o filho era meu. / Toma que o filisteu, skindô / toma que o filisteu*), mais os cananeus, sidônios e heveus que moravam nos

montes Líbanos. O povo de Israel se deixou influenciar por esses caras, claro: esse negócio de ter um deus só perde totalmente a graça quando se convive com povos politeístas. Depois de algum tempo a maior parte dos israelitas nem se lembrava mais de quem era Javé. Ele, furibundo, tratou de refrescar a memória do povo permitindo que Cuchã-Risataim, rei da Mesopotâmia, conquistasse Israel. E quando eu falo em conquistar, é claro que não estou falando em mandar flores, levar para jantar, nada disso: Cuchã-Risataim veio com seu exército, matou um monte de israelitas e anexou Israel a seu território. E é claro que o povo se lembrou de Deus quando a água bateu na bunda: os israelitas começaram a implorar a Javé que os libertasse.
Javé atendeu o pedido do povo mandando que Otoniel, filho de Quenaz (que era irmão mais novo de Calebe, neguinho, Calebe!), assumisse a liderança daquela balbúrdia e guiasse o povo. Esse Otoniel já havia se destacado numa ocasião, quando Calebe foi expulsar os anaquins de suas terras. Ele já havia conquistado Hebrom, mas ainda faltava Debir (ainda chamada Quiriate-Sefer). Então teve a idéia de dar a mão de sua filha, Acsa, em casamento àquele que conquistasse Quiriate-Sefer. Otoniel juntou uns homens, foi até lá, derrotou os anaquins e desposou sua prima. Acsa era dessas mulheres mandonas, e exigiu que Otoniel fosse falar com Calebe para que este desse ao casal terras que tivessem fontes de água. Pode parecer bobagem, mas no meio do deserto água é o bem mais precioso. Calebe, gente boa como sempre, deu à filha e ao sobrinho/genro todas as fontes de suas terras.
Graças a sua intrepidez (uia!), Otoniel foi escolhido para ser o primeiro dos Juízes. Tratou logo de trabalhar: reuniu seu exército, declarou guerra à Mesopotâmia e venceu, libertando Israel. Depois disso ele ainda viveu mais quarenta anos, e houve paz durante todo esse tempo.
Depois da morte de Otoniel, porém, o povo voltou a assimilar a cultura dos povos da região, adorando seus deuses e emputecendo Javé. A conseqüência não tardou: Eglom, rei de Moabe, aliou-se aos amonitas e amalequitas, invadiu Israel e tomou Jericó, a Cidade das Palmeiras. Israel viveu sob o domínio dos moabitas por dezoito anos. Quando, no entanto, o povo resolveu voltar a pedir ajuda a Javé, este escolheu um tal de Eúde para ser líder do povo. Esse Eúde, benjamita, era canhoto e muito malandro, como veremos.
De tempos em tempos os israelitas tinham que enviar seus impostos a Eglom. Os impostos eram recolhidos, conferidos e levados por um mensageiro. Quando calhou de Eúde ser o escolhido para levar o dinheiro ao Rei de Moabe, ele resolveu que Israel já tinha sofrido demais. Preparou então um punhal de quase meio metro de comprimento e botou o pé na estrada junto com alguns carregadores. "Pô, mas um punhal de meio metro? Para que tanto?". Pois acontece que Eglom era gordo. Muito gordo. Coisa de circo mesmo. Um punhal de tamanho normal apenas arranharia suas várias camadas de tecido adiposo.
Eúde escondeu o punhalzão sob as roupas, foi para Gilgal (cidade onde ficava o palácio de Eglom) entregou os tributos e mandou os carregadores de volta pra casa. Feito isso, foi falar com o rei, que estava jantando:
– Majestade, tenho uma informação ultra-secreta para dar ao senhor.
– O que é? – perguntou o rei, de boca cheia – Seu povo está tramando alguma? Olha que eu acabo com a raça de vocês!

– Não. É... É outra coisa.
– Fala, porra! Fala logo, senão cê tá fodido! – ameaçou Eglom, borrifando farofa por todo o recinto.
– Mas é que...
– É o quê? Ah, não quer falar na frente dos outros? Fresco... Tudo bem! Saiam todos daqui, que o israelita quer me contar alguma coisa.
Todo mundo saiu da sala.
– Muito bem. O que é que você quer dizer de tão importante? Vai, desembucha!
– É um recado de Javé para o senhor.
– De quem?
– Javé, o nosso Deus.
– Pff... E o que o deusinho de vocês tanto quer me dizer?
– Ele me mandou dizer o seguinte... Er... O senhor poderia chegar mais perto?
– Ô inferno! – Eglom levantou-se, com muita dificuldade, e se aproximou de Eúde – Pronto. Agora fala logo, caralho!
– Chega só mais um pouquinho...
– ASSIM TÁ BOM?
– É que eu prefiro cochichar, se o senhor não se importar, é claro. Sabe como é, as paredes têm ouvidos...
– Ó, MEU SACO! – a contragosto, o rei inclinou-se na direção de Eúde – Agora fala!
– Seguinte. Javé mandou dizer o seguinte: Gordo, baleia, saco de areia!
– COMO É Q...
Mas Eglom não teve tempo de expressar sua indignação: Eúde já havia metido a mão esquerda por dentro da roupa e puxado o punhal, que enterrou com força na barriga do rei. O punhal atravessou a pele, toooooooода a gordura, a carne, os órgãos internos e saiu entre as pernas. Capado e, pior ainda, morto, nunca mais Eglom ia fazer neném. Depois de matar o rei, Eúde agiu rápido: trancou todas as portas, saiu pela janela e foi embora assoviando. Os empregados do palácio chegaram e viram que as portas estavam trancadas, mas nem se preocuparam: o rei devia estar cagando, que era só o que ele fazia, além de comer. Anoiteceu, porém, e nada do rei abrir a porta. "Que cagança comprida é essa?", perguntavam-se os empregados. Bateram à porta e nada de Eglom responder. Então pegaram a chave, abriram a porta, e deram com seu soberano caído morto no chão, a gordura saindo pela ferida aberta pelo punhal. Coisa bem nojenta de se ver.
Enquanto os empregados ainda não sabiam da morte de Eglom, Eúde já havia chegado às montanhas de Efraim. De lá, tocou uma corneta de chifre de carneiro para chamar os israelitas para a guerra.
– Vãobora, povo! Vamos acabar com a raça dos moabitas! Já matei o leão-marinho que eles chamam de rei; vamos pegá-los agora que estão de cabeça quente!
Os soldados desceram e tomaram a região do Rio Jordão por onde os moabitas costumavam passar. Mataram dez mil moabitas na batalha, reconquistando a soberania de Israel. Dessa vez houve um período de paz bem longo: 80 anos, até a morte de Eúde. Nesse meio tempo, só os filisteus chegaram a dar algum trabalho. Mas um tal Sangar, filho de Anate, cuidou bem da situação, matando seiscentos filisteus com um ferrão de tocar bois.

É óbvio que depois que Eúde morreu o povo voltou a adorar outros deuses, aquele negócio de sempre. Foi quando surgiu Débora, a primeira liderança feminina da história de Israel. Mas falaremos bastante dela nos próximos capítulos.

DÉBORA E BARAQUE

(Juízes 4)

Adivinhem o que aconteceu depois que Eúde morreu?

– *Hummmm... Enterraram Eúde!*

Er... Sim. Enterraram Eúde, tá certo. E depois?

– *Missa de sétimo dia!*

Ai caralho... Deixa eu reformular a pergunta. Adivinhem o que aconteceu com o povo de Israel depois que Eúde morreu?

– *...*

O POVO VOLTOU A ADORAR OUTROS DEUSES, A SE MISTURAR COM OS CANANEUS, AQUILO DE SEMPRE, PORRA!

– *Ah, é...*

Humpf. Como castigo por sua infidelidade, Javé permitiu a Jabim, rei cananeu que governava a cidade de Hazor, que dominasse Israel. O que deve ter sido bem difícil porque, **como vimos antes**, Hazor havia sido totalmente destruída, e Jabim morto pelo próprio Josué. Bom, paciência. Se vocês querem verossimilhança, procurem outras leituras: a Bíblia é assim mesmo. Vamos, portanto, fazer de conta que Jabim não morreu e que Hazor continuava de pé. Pois bem, Jabim dominou Israel durante vinte anos, e maltratou muito o povo. Seu exército era impressionante, contando com novecentos carros de ferro e milhares de soldados comandados por um tal de Sísera. Enquanto isso, Débora, mulher de Lapidote, era juíza em Israel. Não me perguntem como foi que uma mulher conseguiu atingir tal importância numa sociedade tão machista, porque eu não sei. O fato é que ela era respeitada. Débora sentava-se sob uma palmeira no caminho entre Ramá e Betel, e o povo vinha até ela para que julgasse questões. Tá, eu sei que não é lá um grande sistema jurídico, mas foi o que se pode arrumar na época. Um dia, cansada da apatia do povo diante da opressão estrangeira, Débora mandou chamar um certo Baraque, filho de Abinoão (!!!) e morador de Quedes, cidade da tribo de Naftali.

– Ô, Debbie! Mandou me chamar, querida?

– Mandei sim...

– E em que posso servi-la, meu docinho de coco?

– Pra começar, tira a mão de mim. E se me chamar de docinho de coco outra vez, corto-lhe os bagos.

– Pô, Debbie, relaxa...

– Relaxa? RELAXA??? Israel há vinte anos sendo humilhado por esse filho-da-puta desse Jabim e você me fala pra RELAXAR???

– Tá vendo? Cê só pensa em política! Assim não dá, Debbie.

– Ah, cala a boca e me escuta. Seguinte: eu tava falando com o Javé hoje e...

– PORRA! CÊ FALA COM O JAVÉ???

– CLARO QUE EU FALO, CARALHO. Cê acha que eu virei juíza como? Dando a bunda???
– ...
– Humpf. Então, Javé mandou dizer que é pra você juntar dez mil homens de Naftali e Zebulom e levar esse exército ali para o monte Tabor. Enquanto isso, Deus vai fazer com que Sísera venha com seus soldados para lutar contra você. E você vai sair ganhando.
– Pô, Debbie, num fode...
– CONFIE EM JAVÉ, ÍMPIO!
– Hum... Tá, eu confio. Vou lá juntar os caras pra lutar contra Sísera. Mas com uma condição...
– Qual?
– Você vai comigo...
– Ai, meu saco.
– Pô, Debbie! Vai ficar aí sentada embaixo dessa palmeira enquanto a gente se diverte?
– Tá bom. Eu vou com você. Só que você não vai receber as honras dessa vitória, porque Javé vai entregar a vida de Sísera nas mãos de uma mulher.
– De uma mulher??? Não inventa, Debbie! Você acha MESMO que pode matar o milico mais poderoso de toda a região?
– Veremos...
Os dois foram para Quedes, e Baraque tratou logo de convocar os homens para seu exército. Sísera ficou sabendo da insurreição que começava a se formar em Israel, e tratou logo de ir reprimi-la. Ao ver do alto da montanha aquela multidão de soldados, com carros de ferro e tudo, Baraque quase se cagou todo. Se Débora não estivesse ali com ele, teria ordenado meia-volta a seus soldados. Mas a juíza estava firme:
– Larga mão de ser bunda mole, Baraque! É hoje que o bicho vai pegar!
– O bicho vai pegar, estraçalhar, comer... Olha ali quanta gente, Debbie! Eles vão acabar com a gente!
– Confie em Javé, imbecil! E ME OBEDEÇA!
Sem muita alternativa, Baraque desceu do monte Tabor com seus homens, marchando devagarinho para aproveitar o resto de vida que ainda tinha. O improvável aconteceu, porém: os israelitas começaram a prevalecer sobre o exército de Sísera. Empolgado pela possibilidade de derrotar os cananeus, Baraque saiu em seu encalço. O exército inimigo debandava, com israelitas sedentos de sangue correndo atrás. Todos os soldados cananeus foram mortos pelos israelitas, com exceção do comandante Sísera que, tendo corrido até Harosete-Hagoim com Baraque nos seus calcanhares, conseguiu esconder-se numa tenda. A dona da tenda foi muito simpática com ele:
– Ô, tadinho! Correndo dos israelitas, é? Que malvados! Pode entrar, meu querido, vou proteger você – e o escondeu sob uma coberta.
Acontece que essa mulher, chamada Jael, era esposa de Héber, o queneu. Até aí tudo bem, porque a família do rei Jabim até se dava bem com os queneus. Só havia um detalhe: esse Héber era descendente de Jetro, o qual, caso vocês não se lembrem, era sogro de Moisés. Preciso nem falar de que lado sua família estava nessa guerra. Sísera, no entanto, não sabia de nada disso, e sentia-se aliviado:
– Muito obrigado, minha querida, muito obrigado! Ah, malditos israelitas... Vim correndo desde o rio Quisom até aqui, perseguido por eles.
– Puxa!

– Pois é! Tô morrendo de sede. Será que a senhora não poderia me dar um pouco d'água?
– Olha, eu tenho leite aqui nesse odre.
– Serve... Ah, muito obrigado! Olha, eu vou dormir um pouco, estou muito cansado. Se alguém perguntar, você não me viu, tá bom?
– Pode ficar sossegado.
– Obrigado. Muito, muito obrigado. Serei eternamente grato à senhora.
– Que é isso! Deixa pra lá.
Sísera foi dormir muito feliz, e logo pegou num sono pesado. Quando viu que o comandante cananeu já roncava alto, Jael pegou uma estaca da tenda e um martelo. Aproximou-se devagarinho de onde ele dormia e – PÁ! – cravou-lhe a estaca na testa. A estaca atravessou a cabeça e penetrou na terra do outro lado.
– O cara morreu?
Não, ficou com uma dor de cabeça do cão. E Jael não tinha nem Neosaldina em casa.
– Ah bom...
CLARO QUE MORREU, CÁSPITA! E Jael, esse doce de mulher, saiu da tenda e viu Baraque se aproximando. Ele veio falar com ela.
– Ô dona! A senhora por acaso não terá visto um comandante passando por aqui?
– Vi sim, e sei onde ele está. Quer que eu te mostre?
– Claro! Arrá, devia ter apostado com a Debbie! Agora vou matar esse mequetrefe.
– Hum... Olha, acho que não – Jael afastou o véu da tenda para que Baraque entrasse, e ele viu Sísera morto ali, pregado ao chão pela cabeça.
– MEU DEUS! Quem fez essa barbaridade??? Que coisa horrível, o pobre homem devia estar dormindo! Que covardia!
– Er... Fui eu.
– Você? MAS VOCÊ É SÓ UMA MULHER!
– Só uma mulher? SÓ UMA MULHER??? Pois saiba, meu caro, que não há nada que um homem possa fazer que uma mulher também não possa! Está chegando ao fim a manutenção desse *status quo* ultrapassado, com os homens sempre em posição dominante e as mulheres subservientes e humilhadas o tempo todo! As mulheres estão se conscientizando cada vez mais do papel chave que desempenham na sociedade e...
– Tá, tá! Porra, já me basta a Débora fazendo esse discurso todo dia. Bom, obrigado pelos serviços prestados, Dona...
– Jael.
– Dona Jael. Vou ver se a gente consegue providenciar uma medalha pra senhora.
– Muito obrigada.
Com isso, encerrou-se a batalha e os homens de Jabim foram humilhados. Depois de terem seu comandante assassinado por uma mulher desarmada, os cananeus ficaram desmotivados, e em pouco tempo a vitória de Israel foi completa. Não conseguindo conter sua alegria, Débora e Baraque convocaram o povo e deram um show. Preparem-se, portanto, para mais uma musiquinha do Velho Testamento. Mas só no próximo capítulo.

O CANTO DE DÉBORA E BARAQUE

(Juízes 5)

Depois da batalha, Débora e Baraque cantaram uma música comprida puxando o saco de Javé, fazendo o auto-elogio de ambos e descrevendo o que tinha acabado de acontecer. E houve paz na terra por quarenta anos.

GIDEÃO

(Juízes 6)

Muito bem. Passaram-se quarenta anos desde a vitória de Débora e Baraque sobre Jabim e Sísera, e o povo mais uma vez começou a adorar outros deuses, a situação de sempre. E a praga da vez foram os midianitas, um povo nômade e pouco civilizado das imediações de Canaã. Durante sete anos os israelitas foram infernizados pelos midianitas, que eram ferozes e em grande número. E eles nem sequer se preocuparam em conquistar Israel: tão numerosos como gafanhotos, tinham também o mesmo comportamento desses insetos vorazes. Então, toda vez que os israelitas semeavam a terra, os midianitas se juntavam aos amalequitas e outros agrupamentos de beduínos e atacavam as plantações. Acampavam em território israelita e saíam fazendo arrastão, destruindo tudo. Os israelitas chegaram ao ponto de se esconderem em cavernas nas montanhas para fugirem dessa praga.
Imaginem a situação: um pastor israelita conduzia seu rebanho pelo pasto, quando ouvia o grito:

VILA OPERÁAAARIA
VIGÁRIO GERAL, Ê!
VILA OPERÁAAARIA
VIGÁRIO GERAL, Ê!

E lá vinham os midianitas com seus camelos, estuprando e matando as ovelhas, talvez fazendo o mesmo com o pastor. Um agricultor terminava de colher o trigo e lá vinha o brado tão temido em todo o território de Israel:

TIMÃAAAAAAAAO, Ê-Ô!
TIMÃAAAAAAAAO, Ê-Ô!
TIMÃAAAAAAAAO, Ê-Ô!
TIMÃAAAAAAAAO, Ê-Ô!

E os feixes de trigo viravam história. Cenas assim repetiam-se todo santo dia em Israel. Depois de sete anos de tal martírio, é claro que os israelitas se desesperaram e pediram ajuda a Javé (os israelitas de então eram como certos cristãos de hoje, que só pensam em Deus quando a água bate na bunda). Javé só tinha mesmo Israel para cuidar, então quando o povo o abandonava ficava sem ter muito o que fazer. Ficou muito feliz,

portanto, quando recebeu alguma notícia do povo escolhido, e mandou logo um profeta com um recado:
– Eu tirei vocês do Egito, não tirei? Claro que tirei! Ajudei vocês na guerra aqui em Canaã, não ajudei? Claro que ajudei! E o que eu pedi em troca? Lealdade, mais nada! E nem disso vocês são capazes, seus mequetrefes. Estão aí adorando deuses cananeus, enquanto eu fico aqui fazendo tricô, jogando paciência, contando azulejos. Oras!
O povo ficou meio ressabiado com o recado trazido pelo profeta. Só que não sabiam que, logo depois disso, Javé enviou um anjo a Israel. O anjo veio e sentou-se debaixo de um carvalho perto do povoado de Ofra. Esse carvalho ficava na propriedade de um certo Joás. Gideão, filho de Joás, estava malhando trigo num tanque de pisar uvas, escondido dos midianitas, quando o anjo foi falar com ele:
– Rapaz!
– Que é?
– Você é corajoso, e Javé está a seu lado!
– Corajoso, eu??? Pffff... Não vê que eu estou trabalhando escondido, me cagando de medo dos midianitas, ô maluco? Cadê a coragem?
– Er... É, tá certo. Mas, enfim, Javé está a seu lado!
– Ah, está, é? Então me explica uma coisinha: se ele está mesmo do nosso lado, como é que os midianitas nos humilharam desse jeito? Dizem que Javé fazia coisas impressionantes antigamente, no Egito e no deserto. Cadê os milagres? Não vejo nada além de midianitas desdentados correndo pra lá e pra cá com seus gorros alvi-negros. Abre o olho, rapaz: Javé abandonou Israel, essa que é a verdade.
– Blablablá, sempre a mesma história. Que saco... Negócio seguinte: você vai livrar Israel das mãos do midianitas. É uma ordem de Javé.
– Uma ordem de J... HAHAHAHAHAHAHAHAHAHA! Ô, rapaz! Mesmo que eu fosse doido de acreditar em você, como é que justo eu ia libertar o povo? Tá doido? Minha família é a mais pobre da tribo de Manassés, e eu sou o mais pé-rapado daqui de casa.
– E daí? Você vai conseguir porque Javé vai te dar forças. Você vai esmagar os midianitas como se fossem um só homem.
– Ah, é? Como? Com um mata-moscas?
– Pô, Gideão, num fode...
– Como é que cê sabe meu nome? É pegadinha essa porra, né?
– Mané pegadinha! Eu sou um anjo!
– É, e eu sou a Gina Lollobrigida...
– Acredite em mim, cáspita!
– Você quer que eu acredite só porque você está falando? Oras, faça-me o favor! Cadê suas asas? Aliás, nem precisa tanto: cadê seu distintivo de anjo?
– Não torra.
– Olha, tá na hora do almoço. Vou ali preparar uma comidinha pra gente. Enquanto isso, vai pensando num jeito de me convencer de toda essa presepada que cê tá falando. Anjo, só me faltava essa... Amanhã vem o Papai Noel aqui.
Gideão entrou em casa, cozinhou um cabrito e preparou pães sem fermento com dez quilos de farinha. Devia ser grande, o anjo. Depois de tudo pronto, botou a comida num cesto, o caldo numa panela, e levou tudo ao anjo do carvalho *[Marco Aurélio resiste bravamente aos trocadilhos fáceis, obrigado]*.

– E aí, mano? Já pensou num jeito de me provar que você é anjo mesmo?
– Hum, vamos ver... Bota o pão e a carne nesta pedra e depois derrama o caldo em cima.
– Nem fodendo! A gente já tem pouca comida por causa dos midianitas, e você ainda quer que eu desperdice?
– Quer uma prova ou não?
– Que cê vai fazer? Milagre da multiplicação dos pães?
– Nah, isso é com o filho do chefe...
– Filho de quem???
– Er... Deixa pra lá. Faz aí o que eu falei.
– Tá. Vamos ver se você consegue provar alguma coisa...
Gideão arrumou a comida sobre a pedra, e despejou o caldo em cima. Então o anjo estendeu seu cajado e o encostou na carne e no pão. Imediatamente saiu fogo da pedra e incinerou toda a comida.
– Puta que pariu! PUTA QUE PARIU! VOCÊ É ANJO MESMO! CARACA! VOCÊ FEZ SAIR FOGO DA PED... Er... Anjo? Anjinho, u-huu! Cadê você??? Ai, cacete! Eu vi um anjo e tirei sarro da cara dele. Tô na roça, tô fodido!
– Relaxa, Gideão. Não vai te acontecer nada.
– Puta merda, agora estou ouvindo vozes.
– Ouvindo vozes é o cacete! Mais respeito!
– Quem é que tá falando???
– Eu.
– Quem disse "eu"?
– Eu disse "eu".
– Quem disse "eu disse eu"?
– Eu disse "eu disse eu"?
– Quem dis...
– Tá, tá, calaboca. Sou eu. Javé.
– JAVÉ??? O DEUS???
– Não, o verdureiro. CLARO QUE É JAVÉ, O DEUS!
– Mas a que devo a honra dessa visita? Primeiro um anjo, depois Javé em pessoa. Que dia! Diz aê, Javé! Javé...? JAVÉ??? Puta merda, sumiu. Mania besta, a desse povo...
Mania besta ou não, Gideão achou por bem construir ali uma altar em honra de Javé, chamando-o "Javé é Paz". Naquela mesma noite, Javé foi falar com Gideão:
– Opa.
– Javé?
– Eu mesmo.
– E aí?
– Beleza.
– Legal.
– Seguinte, Gideão: cê vai pegar aquele touro de sete anos do seu pai e ir com ele até onde está o altar de Baal pertencente à família. Você vai derrubar o altar e também o Poste-ídolo(*). Depois disso, vai erguer ali um altar de pedras, e queimar o touro e a madeira do poste destruído como sacrifício para mim.
– Er... Tem certeza, Javé? Eu não posso fazer que nem o pastor que chutou a Santa, e só dar uns tabefes no Baal?

– Claro que não!
– Mas meu pai vai ficar puto!
– Azar o dele. AZAR O DELE, TÁ ME OUVINDO??? O ÚNICO DEUS POR ESTAS BANDAS AQUI SOU EU! EU!!!
– Tá bom, tá bom, não precisa ficar nervoso. Vou fazer o que você mandou.
– É bom mesmo.
Gideão estava com muito medo. Baal e sua esposa Asherá eram deuses muito populares entre o povo. Então ele juntou dez de seus empregados para irem com ele, e saíram na calada da noite para destruir as imagens sem que houvesse testemunhas.
De madrugada, quando os homens da cidade acordaram e viram o altar destruído e o poste-ídolo queimado junto com um touro num altar de pedras que antes não estava ali, ficaram putos:
– Quem foi o filho-da-puta que fez isso???
Perguntaram aqui e ali e acabaram descobrindo que Gideão era o responsável pela profanação. Então foram falar com o pai dele:
– Joás, traga seu filho aqui.
– Pra quê?
– Oras, pra quê! Pra gente matar ele! O desgraçado destruiu nosso lugar de culto lá no alto do morro, que palhaçada é essa? Anda, anda, traz o moleque aqui!
– Peraí, peraí... Vocês vieram aqui para defender Baal? Não é possível! Quem vier aqui defender Baal será morto antes do sol nascer.
– Cê tá doido, velho??? O altar era seu, lembra?
– Tá, tá, eu sei. Mas agora passei pro lado de Javé. Ele anda falando com meu filho, enquanto Baal nunca falou com ninguém aqui. Ele não é Deus? Então que se defenda sozinho, não precisa de vocês.
– Pô... É verdade...
Os homens voltaram para suas casas, derrotados pelos argumentos de Joás. E Gideão ganhou naquele dia o apelido de Jerubaal, que significa "Baal que se vire, oras!".
Poucos dias depois, os midianitas, os amalequitas e os beduínos todos se juntaram, atravessaram o Jordão e acamparam no vale de Jezreel, preparando-se para mais uma onda de saques. Gideão ficou sabendo e resolveu que era hora de assumir a liderança do povo: tocou uma corneta (a falta que fazem o rádio e a telefonia celular!) e seus parentes todos se juntaram a ele. Enviou também mensageiros às tribos de Manassés, Aser, Zebulom e Naftali, convocando os homens para a resistência. Com isso, juntou um exército respeitável. Então foi falar com Javé:
– Aê, Javé. Já juntei um bom número de homens para lutar contra os midianitas. Você disse que era para eu liderar esse povo, né? Mas eu queria fazer um teste antes: vou por um pouco de lã ali no lugar onde malhamos o trigo. Se de manhã a lã estiver molhada de orvalho, e o chão em volta seco, então terei certeza de que você está mesmo comigo, e que vai me ajudar a libertar Israel.
Javé não respondeu nada, mas Gideão mesmo assim fez o teste. Na manhã seguinte, o campo estava seco e a lã úmida.
– Hmmmmm... Será? Sei não, sei não... Eu queria uma contra-prova, Javé. Método científico, sabe como é. Então esta noite eu vou botar a lã no mesmo lugar. Se amanhã a lã estiver seca e o chão úmido de orvalho, aí sim terei certeza.

Javé continuou quieto. Estava doido para recuperar sua popularidade em Israel, por isso permitia a Gideão tais liberdades de ceticismo. Na manhã seguinte, a lã estava seca no meio de um campo todo molhado de sereno. Então Gideão pensou:
– É, fodeu... Agora vou ter que levar esse povo para a guerra contra os midianitas. Quero só ver no que vai dar...

(*)Postes-ídolos eram imagens de Asherá, esposa de Baal, em forma de totem. Eram habitualmente construídos ao lado dos altares do deus cananeu. Aliás, esse negócio de Javé mandar Gideão queimar o Poste-ídolo em seu altar, depois de queimar o altar de Baal, é significativo: é como se ele estivesse roubando a mulher de Baal depois de dar-lhe uns pescoções; um deus humilhando o outro.

A DERROTA DOS MIDIANITAS

(Juízes 7)

Tendo recebido de Javé todos os sinais que solicitara, Gideão não teve outra alternativa senão sair com seus homens para atacar os midianitas. Então eles saíram e acamparam numa tal fonte de Harode, ao sul do acampamento dos midianitas. E Javé foi até lá para falar com Gideão.
– Quanta gente, hein?
– Tá vendo, Senhor? O povo tá disposto mesmo a libertar Israel.
– Sei, sei... Mas você não acha que é muita gente não?
– Er... Como assim?
– Ah, Gideão, eu não nasci ontem. Aliás, eu não nasci nunca. Se você atacar os midianitas com esse exército enorme, depois o povo vai começar a dizer que derrotou os caras e ninguém vai se lembrar da minha interferência. Não: precisamos reduzir o número de soldados.
– Com todo respeito, Javé: cê tá doido??? Estou aqui com 32 mil homens. Você sabe quanto são os midianitas? São como gafanhotos e seus camelos...
– ... São como os grãos de areia da praia. Tô sabendo. Mas você está se esquecendo de um detalhezinho...
– Qual?
– Tá esquecendo que eu sou é Deus, tá me ouvindo? DEUS!!! Comigo não tem essa de gafanhotos, de areia do mar, porra nenhuma. Agora você trate de convocar seus homens e dar o seguinte recado: quem for medroso, bunda-mole, mocorongo, tímido e zé-mané, pode voltar pra casa.
– Porra, Javé, e quem é que vai vestir uma carapuça dessa???
– Tenta...
Gideão juntou seus homens e passou o recado de Javé. Resultado: 22 mil bravos soldados israelitas enfiaram o rabo entre as pernas e voltaram pra debaixo da saia da mamãe.
– Puta que pariu, Javé! Meu exército foi reduzido a menos de um terço. Tá feliz agora?
– Hum... Ainda não. Gente demais.
– GENTE DEMAIS??? São dez mil caras contra uma caralhada de midianitas!
– Bibliabliblas®... Fala com a minha mão, Gideão. Tô dizendo que não tem pra ninguém, nós vamos derrotar esses caras aí. Mas o crédito será meu.

– Tá, tá... Que recado eu dou pros caras agora? Quem for canhoto, vá pra casa? Quem for míope? Quem tiver pau grande?
– Nah... Se você falar pra todo mundo que tiver pau grande ir pra casa, não fica um. Sabe como homem é mentiroso com essas coisas. Não, não: leve seus homens até a fonte para beberem água. Observe bem o jeito que cada um bebe. Aí você vai separar seu exército em dois grupos: de um lado, os homens que bebem levando as mãos em concha até a boca e lambendo a água; do outro, os que se ajoelham para beber.
– Testezinho esquisito esse, hein?
– Pois é. Pra descontar aquele da lã que você fez comigo...
– Tá bom, tá bom. Vou lá.
Gideão fez como Javé havia ordenado e separou os homens em dois grupos, tendo o primeiro apenas 300 homens e o segundo 9.700.
– Pronto, Javé. Fiz o teste. O exército foi reduzido a 9.700 homens. Tá bom agora?
– NOVE MIL E SETECENTOS??? Tá doido?
– Mané doido! Pode ver aqui, ó: é o número dos caras que se ajoelharam para beber.
– E eu lá vou querer um exército de homens que ficam de bunda pra cima por qualaquer coisa? Não senhor: você vai atacar os midianitas é com o outro grupo.
– Com os 300 homens, Javé?
– É.
– COM OS TREZENTOS HOMENS, JAVÉ?
– Não grita, porra. É, com os trezentos.
– COM OS TREZEN...
– PUTA QUE PARIU! Cê não acredita? Desce até o acampamento dos caras e ouve o que eles andam dizendo por lá.
– O que eles andam dizendo?
– Vai lá e vê, oras. Estão com medo de você.
– Sei, sei...
Gideão, desconfiado como sempre, resolveu ir mesmo até o acampamento dos midianitas. Chamou seu criado, Purá, e foram os dois até o primeiro posto avançado de sentinelas. Logo de cara, ouviram dois guardas que conversavam:
– Rapaz, tive aquele sonho hoje de novo.
– O do camelo?
– É. E dessa vez tinha um desses beduínos também.
– Putz, com um beduíno?
– É.
– Você precisa de mulher urgente.
– Eu sei, eu sei...
– Porra! Um camelo e um beduíno... Eu, hein... Ah, tive um sonho esta noite também.
– É mesmo? De putaria? Conta! Conta!
– Não, nada de putaria. Um sonho bem absurdo, na verdade. Sonhei que um pão de cevada torrado descia rolando ali do morro. Vinha rolando na direção do nosso acampamento. Veio vindo, veio vindo, e bateu na tenda do comandante. A tenda se desmontou toda e ficou estendida no chão.
– Ixe. Que sonho besta.
– Pois é.

– Mas, olha só... Acho que faz algum sentido.
– Faz?
– Parece. Cê ficou sabendo do tal Gideão? O cara juntou um exército pra lutar contra a gente. É um exército pequeno. Pequeno feito um pão de cevada...
– Oras, não fale bobagens!
– Sei não, sei não... Esses israelitas são malucos, e dizem que o deus deles é mais doido ainda.
Gideão ouviu isso e empolgou-se: voltou para o acampamento e convocou rapidamente seus homens. Repartiu os trezentos soldados em três companhias de cem e entregou a cada um trombetas e cântaros com tochas acesas dentro.
– Nós vamos lá para o acampamento dos midianitas agora. Vocês olhem para mim e façam tudo o que eu fizer.
As três companhias desceram silenciosamente até onde os midianitas estavam. Cada homem levava uma trombeta numa das mãos e um cântaro na outra. Chegaram ao acampamento inimigo pouco depois da meia-noite, logo após a troca das sentinelas. Então Gideão tocou sua trombeta e quebrou seu cântaro, descobrindo assim a luz da tocha. Os cem homens de sua companhia o imitaram, assim como as outras duas companhias: todos tocaram suas trombetas, quebraram seus cântaros e gritaram: "Por Javé e Gideão!".
Imaginem agora a cena do ponto de vista dos midianitas: era tudo silêncio e paz no vale. De repente soam trombetas, ouve-se o barulho de coisas se quebrando, e vê-se a luz de tochas surgidas como que por milagre, ao mesmo tempo em que trezentas vozes gritam o nome do deus e do líder de Israel. Meia-noite, todo mundo com sono, bêbado ou ambos, e não deu outra: confusão no acampamento, susto generalizado. Começaram a lutar uns contra os outros, uns fugiram.
– Puxa vida! Aí os trezentos israelitas acabaram com a raça dos milhares de midianitas?
É claro que não! Homens das tribos de Naftali, Aser e Manassés foram chamados, e eles ajudaram os homens de Gideão na perseguição ao inimigo. Mensageiros foram enviados a Efraim, convocando-os para tomarem todas as fontes de água e o Jordão, para assim matarem os midianitas de sede. Os efraimitas assim fizeram e ainda prenderam os dois príncipes midianitas, Orebe e Zeebe. Ambos foram mortos e suas cabeças levadas até Gideão.
Com essa impressionante vitória sobre os midianitas, até então tidos como invencíveis, Gideão começou a experimentar as dores de cabeça e também a glória de estar numa posição de destaque. Veremos como foi isso no próximo capítulo.

A DERROTA FINAL DOS MIDIANITAS

(Juízes 8:1-21)

No penúltimo capítulo, vimos que Gideão formou seu exército com homens de Manassés, Aser, Zebulom e Naftali. Depois da batalha contra os midianitas, os homens da tribo de Efraim foram falar com Gideão. Os efraimitas eram os melhores guerreiros de Israel, e ficaram indignados por não terem sido chamados logo no começo dos preparativos para a guerra.

– Porra, Gideão, como cê dá uma mancada dessa? Achamos que cê fosse nosso mano. Qual o quê! Na hora que o bicho pegou, convocou um monte de bundas-moles e se esqueceu de Efraim. Tá doido?
Gideão, que de besta não tinha nada, contornou bem a situação:
– Que é isso, meus amigos? Não entendo a reclamação de vocês. Tá certo, eu não convoquei ninguém da tribo de vocês para o meu exército. Tudo bem. Mas vejam o que eu fiz contra os midianitas e o que vocês fizeram. Vocês mataram os príncipes deles! O que eu e meus homens fizeram não é nada comparado a isso. E era de se esperar, não? Afinal de contas, os descendentes de Efraim são os homens mais valentes de Israel.
– Pô, também não é pra tanto...
– Claro que é! Eu sou fã de vocês. Cá entre nós, queria ter nascido efraimita.
– Ô, Gideão, assim cê deixa a gente sem graça...
– Mas é tudo verdade.
– Hum. Pô. Obrigado, então. Valeu mesmo.
Os efraimitas podiam ser os melhores guerreiros, mas não eram imunes à lisonja. Assim Gideão se livrou deles e continuou a perseguir os midianitas. Arrá, pensaram que já tinha acabado, né? Que nada! A batalha continuava. Os trezentos homens, quase mortos de cansaço, atravessaram o Jordão atrás dos midianitas. Chegando a Sucote, Gideão foi falar com os homens da cidade:
– Ô, meus camaradas! Estou perseguindo Zeba e Salmuna, os líderes midianitas. Vou ver se livro a região dessa praga. Só que meus homens estão mais pra lá do que pra cá, então resolvi vir aqui ver se vocês podiam arrumar um pouco de comida pra gente.
– Zeba? Salmuna? Cadê?
– Ai caralho... Eu falei que tô perseguindo os caras. Não peguei ainda.
– Pffff... E por que daríamos comida ao seu exército, se vocês nem prenderam os chefes midianitas.
– Ah, é assim? É assim? Tudo bem. Vamos continuar nosso caminho. Mas quando eu pegar Zeba e Salmuna, volto aqui e rasgo a carne de vocês com os espinhos das plantas do deserto.
Emputecido, Gideão foi com seus homens até a cidade de Penuel para ver se conseguia alimento por lá. Os homens da cidade, porém, deram a mesma resposta que os de Sucote.
– Ah, puta que pariu! Cês vão ver! Cês vão ver! Eu vou prender os chefes midianitas, depois vou voltar aqui e derrubar essa torre aí.
Assim mesmo, famintos e cansados, os trezentos soldados continuaram sua perseguição aos midianitas. Zeba e Salmuna, os líderes midianitas sobrevivente, estavam em Carcor com seu exército. Dos 135 mil midianitas, amalequitas e demais beduínos, haviam sobrado apenas 15 mil. E não por muito tempo: Gideão levou seus homens pelo caminho que contornava o deserto e atacou o inimigo de surpresa. Os midianitas, que não entendiam nada de estratégia militar, demoraram a reagir mais uma vez. Resultado: todos mortos, com exceção dos líderes, que Gideão levou como troféu até Sucote. Lá chegando, amarrou os setenta e sete líderes da cidade e os açoitou com plantas espinhentas. Depois foi até Penuel, derrubou a torre e matou todos os homens da cidade. Fsito isso, tratou de resolver sua pendenga com Zeba e Salmuna.
– Vocês se lembram dos homens que mataram em Tabor?

– Tabor? Homens? Matamos?
– RESPONDAM A PERGUNTA!
– Lembro sim.
– É, eu também.
– Lembram da cara deles?
– Ah, pareciam uns princípes!
– Noffa, cada rapagão!
– Eram parecidos com você, sabia?
– Sabia. ERAM MEUS IRMÃOS, SEUS FILHOS DA PUTA!
– Er... Irmãos?
– É! Irmãos! Eu juro por Javé que, se vocês não tivessem matado meus irmãos, eu os deixaria viver agora. Mas também não vou sujar minha mão com o sangue de vocês. Jéter!
– Oi, pai.
– Pega a espada e mata esses dois.
– Mas... Mas...
– Mas o quê? Tá com medo de matar dois midianitas mequetrefes?
– Não é isso.
– É o quê, então?
– É QUE EU SÓ TENHO OITO ANOS!
– Ah, é. Vai brincar lá fora, deixa que eu faço o serviço. Ô porra de moleque que não cresce logo...
Então Gideão matou Zeba e Salmuna, terminando assim a guerra contra os midianitas. Finalmente.

GIDEÃO SAI À FRANCESA

(Juízes 8:22-35)

Depois de ver de que maneira espetacular Gideão derrotara os invasores midianitas, alguns homens foram falar com ele:
– Gideão, cê é foda.
– Que é isso...
– Nah, sem falsa modéstia: cê é foda. O que você fez com os midianitas foi impressionante. Então pensamos, conversamos e decidimos que queremos que você seja rei de Israel, assim como seus descendentes.
– Hum... Rei, é?
– É. Rei. E aí, aceita?
Gideão ficou pensativo. Ser rei era uma honra e tanto. Mas e o trabalho que dava, a dor de cabeça? Pensou bem e se saiu com uma resposta espertalhona, bem ao seu estilo:
– Não serei rei de vocês, nem meu filho: Javé será o rei hoje e sempre. Mas...
– Mas...?
– Sabem aqueles brincos que os midianitas usavam? Se vocês pudessem me dar eles...
– Vai usar brinco agora, Gideão?

– Claro que não, ó caralho! É pelo ouro mesmo. Acho que mereço um pequeno espólio de guerra, não?
– É claro. Daremos os brincos a você então. Uma pena você não querer ser rei de Israel.
– O único rei de Israel é...
– Javé. Tamos sabendo.
Então eles estenderam uma capa no chão, e cada um pôs sobre ela os brincos que havia tomado dos midianitas. Com isso Gideão ganhou quase trinta quilos de ouro. Estava rico, portanto. E duvido que vocês adivinhem o que ele fez com tanto ouro... Ele pegou todos os brincos, mandou fundir e fez um ídolo! Sim, Gideão, que acabara de libertar Israel com ajuda de Javé, descambou pra idolatria assim que pôde. Ele botou o ídolo em Ofra, sua cidade, e todos os israelitas abandonaram Javé e foram adorar o deus de Gideão.
– Vixe. Javé deve ter ficado mais puto do que nunca. O que ele fez?
Nada.
– NADA???
Pois é. Javé, que fizera os israelitas beberem o ouro fundido do **bezerro que adoravam** enquanto Moisés estava no alto do Sinai, resolveu fazer vista grossa à idolatria de Gideão. Aliás, se pensarmos bem, Gideão é um herói bíblico um tanto atípico: primeiro teve coragem de duvidar de Javé várias vezes antes de cumprir suas ordens, depois equiparou-se a ele (quando ordenou a seus homens que invadissem o acampamento midianita gritando "Por Javé e Gideão!"). Talvez embasbacado por tamanha ousadia, Javé não soube o que fazer com Gideão, e foi deixando. Quando ele resolveu desafiá-lo frontalmente, adorando a outro deus sob suas barbas, por assim dizer, Javé já estava desmoralizado.
Seja como for, Gideão viveu por mais quarenta anos, durante os quais reinou a paz em Israel. Ele teve setenta filhos de várias esposas, e mais um de uma concubina, em Siquém. Esse último, chamado Abimeleque, ainda vai dar muito trabalho. Mas isso fica para os próximos capítulos. Por enquanto, vamos chorar a morte de Gideão, o personagem bíblico que mais desafiou a autoridade divina. E não sofreu qualquer castigo por isso, muito pelo contrário.

ABIMELEQUE

(Juízes 9:1-21)

Abimeleque, como eu disse no último capítulo, era filho de Gideão com sua amante de Siquém. A fama de seu pai era imensa, mas era difícil para ele aproveitar-se disso: era apenas um filho bastardo tendo que concorrer com setenta filhos legítimos. No entanto, ele era esperto e não tinha medo de nada. Então, depois que Gideão morreu, Abimeleque começou a conspirar com seus parentes:
– Olha, eu tenho uma idéia muito boa. Vocês vão sair pela cidade, assim como quem não quer nada, perguntando a todo mundo: "É melhor ser governado por setenta filhos de Gideão ou por um só homem de sua própria terra?".
Seus parentes gostaram da idéia, e saíram botando essa pulga atrás da orelha de cada habitante da cidade. A insegurança causada pela perspectiva de ter setenta irmãos disputando o poder, aliada ao bairrismo fez com que os homens de Siquém decidissem

seguir Abimeleque. Deram a ele oitocentos gramas de prata (retirados do templo de Baal-Berite, o deus da moda então). Com a prata, Abimeleque contratou meia dúzia de vagabundos como capangas e foi para Ofra, terra de seu pai. Lá chegando, tratou de botar em prática a segunda parte de seu plano para tomar o poder, matando seus setenta irmãos sobre uma pedra. Bonzinho, né? Apenas Jotão, o caçula, conseguiu esconder-se, fugindo assim ao massacre.

Quando perceberam que Abimeleque não estava para brincadeira, os homens de Siquém acharam melhor não arriscar: reuniram-se com os homens de Bete-Milo e coroaram Abimeleque rei das duas cidades. Ao saber disso, Jotão ficou muito puto e subiu até o alto do monte Gerizim, de onde falou para eles, aos berros:

– Ô, seus filhos da puta! Escutem o que eu tenho a falar, prestem atenção, e Javé ouvirá vocês.

– Javé? Que Javé???

– Bah! Prestem atenção na história que eu vou contar. Aham... Uma vez as árvores resolveram que queriam ter um rei. Então...

– Peraí... As ÁRVORES resolveram que queriam um REI? Ah, Jotão, vai enganar outro !– Não, porra! É só uma PARÁBOLA!

– Er... Hein?

– BAH! Deixa eu terminar, cês vão entender no final. Então, as árvores resolveram escolher um rei. Logo de cara foram falar com a Oliveira, mas ela desdenhou o convite: "Governar vocês? Mas para isso eu ia ter que deixar de fornecer meu azeite, que honra aos homens e aos deuses, e dedicar todo o meu tempo a vocês. Nah, falem com outra árvore, eu não quero". Ainda animadas, apesar da negativa da Oliveira, foram falar com a Figueira, que respondeu: "Eu não, credo! Ia ter que abandonar meus figos, tão docinhos, por vocês. Tô fora". Já meio desanimadas, as árvores foram falar com a Parreira. E ela: "Tão doidas? E deixar homens e deuses sem vinho? De jeito nenhum!". Em desespero de causa, e sem alternativa melhor, foram falar com o Espinheiro, que disse: "Querem que eu seja rei de vocês é? Hum... Tá bom. Tô fazendo nada mesmo... Mas é o seguinte: se vocês querem mesmo que eu seja rei, venham para debaixo da minha sombra. Se não o fizerem, sairá fogo do espinheiro e queimará os cedros do Líbano".

– ...

– ...

– Tá, e daí?

– E daí o quê??? Acabou a história, é isso.

– Que merda de história!

– Ô seus burros! Será que não conseguem compreender uma metáfora?

– Uma o quê???

– Ai meu saco... O que eu quero dizer é: será que vocês foram sinceros ao escolherem Abimeleque como rei de Siquém? E será que respeitaram a memória do meu pai? Lembrem-se do quanto ele lutou por vocês, arriscando a própria vida para expulsar os midianitas de Israel. E como vocês retribuíram?

– Com trinta quilos de ouro...?

– Er... Tá, mas isso foi há muito tempo.

– A expulsão dos midianitas também!

– Tá, tá, não importa! O negócio é que vocês mataram meus setenta irmãos. É assim que vocês honram a memória de Gideão?

– *...*

– Pois é! Mataram meus irmãos e depois escolheram Abimeleque, um filho de escrava, para ser o rei de vocês. Bonito, hein? Agora, se vocês acham que o que fizeram foi algo bom e sincero, então sejam felizes com seu novo rei. Do contrário, que saia fogo de Abimeleque para queimar os homens de Siquém e Bete-Milo. E vice-versa!

– *Hein? Sair fogo? Jotão, acho que cê anda assistindo muito seriado japonês... Jotão...? JOTÃO?*

Mas Jotão já havia fugido. Não era besta nem nada, sabia que Abimeleque não desperdiçaria nenhuma oportunidade para matá-lo. Então fugiu e foi morar em Beer, a cidade de nome mais legal de toda a Bíblia.

A REVOLTA DE GAL

– MEU NOME É GAL

E PROCURO ME CORRESPONDER COM UM RAPAZ

QUE SEJA O TAL

[abre a blusa mostrando as muchibinhas]

– E NÃO FAZ MAL

QUE ELE NÃO SEJA BRANCO, NÃO TENHA C...

Ô! QUE PORRA É ESSA!

– *A revolta de Gal, ué...*

COMO??? Ah. Putz, errei o título. Foi mal aê, vou começar de novo. Minha senhora, guarde esses peitos, pelamordedeus...

A REVOLTA DE GAAL

(Juízes 9:22-57)

Aham.

Governar Siquém era só o primeiro passo: em pouco tempo Abimeleque se tornou governante de todo o Israel. Só que ele era um ditador, claro, e depois de três anos os habitantes de Siquém, seus primeiros aliados, começaram a se rebelar, chegando mesmo a colocar homens escondidos no alto das montanhas para matar Abimeleque. Esses homens assaltavam quem passasse pelo caminho, espalhando pânico pela região. O ditador ficou sabendo disso e tomou a única providência que sua mesquinhez permitia: não chegar nem perto do caminho que passava pelas montanhas, permanecendo o máximo possível em Arumá, sua cidade de residência. Esse Abimeleque só era macho mesmo na companhia de seus capangas, porque sozinho...

E é nesse ambiente de total insegurança, quase de guerra civil, que surge Gaal.

– MEU NOME É GAL...

GAAL! GAAL, PORRA!

– *Ah...*

Não se sabe muito sobre Gaal: só que era filho de um tal Ebede, que se mudou com seus irmãos para Siquém e logo conquistou a simpatia do povo, chegando mesmo a considerar-se um nativo da cidade. Numa das festas patrocinadas por ele no templo de Baal-Berite, Gaal bebeu um pouco mais do que devia e soltou a língua:
– Coé a desse tal de Abimeleque, hein? Quem esse mano pensa que é? Tá, é filho de Gideão e tal, mas e daí? E nós, somos o quê, um bando de covardes? E nosso governador, Zebul, que só falta empinar a bundinha pro Abimeleque? Que palhaçada! Ah, se eu mandasse alguma coisa por aqui... Ia lá peitar o feladaputa. "Ô, se você é tão macho e seu exército é tão bom, por que você não sai daí pra lutar, hein?". Mas vou fazer o quê? Mando em nada...
É regra bastante conhecida a que diz que em todo lugar há pelo menos um dedo-duro, e a festa no templo de Baal-Berite não seria exceção: o fio desemcapado correu pra despejar nos ouvidos de Zebul tudo o que Gaal dissera. O governador ficou com muita raiva, e mandou uma mensagem a Abimeleque:

Meu Grande Soberano Abimeleque, Cuja Glória Ofusca o Brilho do Sol

Sinto muito perturbar a graciosa paz de Vossa Magnificência com assuntos mundanos, mas a situação não me deixa alternativas. Vossa Luminescência ouviu falar de um tal Gaal, filho de Ebede, que hoje mora aqui de Siquém? Saiba que esse fulano anda atiçando o povo da cidade contra Vossa Rejubilescência. Como se os problemas que Vossa Magnânima Pessoa já não fossem suficientes!
Sei que nada sou, apenas um reles servo e admirador de Vossa Reverendíssima. Mesmo assim, atrevo-me a sugerir um plano de ação, que Sua Santidade não me leve a mal. Eis o plano: durante a noite, Vossa Circunferência sai com seu magnífico exército, e todos se escondem nos campos em volta de Siquém. Amanhã, assim que nascer o sol, vosso exército de bravos ataca a cidade. E quando Gaal sair para lutar com seus homens, aí Vossa Beligerância ataca com tudo o que tiver.
Apenas uma sugestãozinha de seu mui humilde servo,

Zebul

Descontando o tom um tanto quanto bajulatório – e ignorante – da mensagem, o plano de ataque era bom. Então Abimeleque mandou uma mensagem a Zebul:

Z,

Tá.

A.

À noite Abimeleque saiu com seu exército dividido em quatro grupos, e fez tudo exatamente conforme a idéia de Zebul. Só que aconteceu um imprevisto: bem antes do nascer do sol, talvez pressentindo algo de errado, Gaal juntou seus homens e foi para o portão da cidade. Zebul, vendo que seu plano corria um sério risco, foi junto para ver o

que acontecia. Enquanto isso, vendo movimentação nos muros em hora tão imprópria, Abimeleque ordenou a seus homens que se aproximassem devagar da cidade, rastejando e fazendo o mínimo possível de barulho.
– Ih, Zebul, olha lá! Tem gente descendo das montanhas na nossa direção!
– Cê tá com sono, Gaal. São as sombras das montanhas, só isso.
– Mané sombras! Tá doido? Olha ali, ali, ali e ali. São quatro grupos. Acho que é um ataque! Será que o filho-da-puta do Abimeleque criou coragem de repente e resolveu nos atacar?
– Ué... Não foi você que falou que não sabia por que nos deixávamos governar por Abimeleque, que ele era covarde e coisa e tal? E então, cadê toda aquela conversa?
– H-hein??? Como você... SE EU PEGAR O DEDO-DURO DESGRAÇADO QUE ANDOU FALANDO COISAS POR AÍ, EU JURO QUE...
– Calma, Gaal, Calma! Você fala demais, quero ver se serve para agir também. Aqueles são os caras de quem você tirou sarro no dia da festa; vá até lá e lute com eles. Se é que você tem coragem...
Percebendo que responder à provocação de Zebul só daria mais tempo ao inimigo, Gaal tratou logo de chamar seus homens para atacarem o exército de Abimeleque. E no fim das contas o negócio de Gaal era só falar mesmo: levou um coça inesquecível, e fugiu correndo para a cidade. Abimeleque, então, resolveu voltar para Arumá, e Zebul expulsou Gaal e seus irmãos de Siquém.
Fim dos problemas? É óbvio que não. De fato, passada a refrega (*refrega!*), os ânimos se acalmaram em Siquém. Os homens até saíram para trabalhar nos campos normalmente no dia seguinte. E aí começaram os problemas: Abimeleque ficou sabendo que os habitantes da cidade estavam desprevenidos, então saiu de Arumá com três grupos de soldados. Enquanto Abimeleque e seu grupo atacavam de surpresa nos portões da cidade, os outros dois grupos atacaram quem estava no campo, matando todo mundo. Os chefes da Torre de Siquém souberam do que estava acontecendo, e foram depressa se esconder dentro do templo de Baal-Berite, a construção mais resistente da cidade. Arrombar a porta do templo e depois matar as cerca de mil pessoas que estavam lá dentro seria muito trabalhoso. Então Abimeleque subiu ao monte Salmon, cortou um galho de árvore e ordenou a todos seus homens que fizessem o mesmo. Depois desceram até a cidade, empilharam os galhos contra a parede do templo e atearam fogo. O templo incendiou-se, e todos os que ali se abrigavam morreram carbonizados.
Embrigado com o cheiro de sangue e carne queimada, Abimeleque decidiu que ainda queria mais carnificina. Devia ser cedo ainda, sei lá. Sei que foi com seus homens até Tebes, cercou a cidade e a conquistou. Todos os habitantes correram para se esconder na torre da cidade, e ficaram no terraço. Abimeleque resolveu fazer o mesmo que fizera com o templo em Siquém. No entanto, quando ainda empilhava a lenha perto da porta da torre, uma mulher jogou lá de cima uma pedra de moinho. A pedra caiu em cheio sobre a cabeça do ditador, abrindo-lhe o crânio. Ainda consciente, ele gritou para seu ajudante de ordens:
– Rápido, moleque! Tire a sua espada e me mate. Não quero que digam por aí que fui morto por uma mulher, seria desmoralização demais.
Oras, quem não ficaria feliz em matar um sanguinário desses? O rapaz cumpriu logo a ordem, e assim acabaram-se os dias de glória de Abimeleque em Israel.

O que nos lembra aquela história sem pé nem cabeça do Jotão, das árvores, que ele concluiu dizendo que sairia fogo de Abimeleque para queimar os homens de Siquém e vice-versa. Pois é... Não parece tão absurda agora, não é mesmo?

TOLÁ E JAIR

(Juízes 10:1-5)

ADVERTÊNCIA: Os nomes desses dois juízes dão margem para trocadilhos fáceis e horrendos. Sendo assim, este será um capítulo curto, que é para evitar a infâmia. Conto com a compreensão de todos. Obrigado.

Depois da morte de Abimeleque (já foi tarde!), um certo Tolá (Tolá!), que era filho de Puá (Puá!) e neto de Dodo (DODO! MEU DEUS!) tornou-se juiz de Israel. Ele era da tribo de Issacar, mas morava em Samir, nas montanhas de Efraim. Liderou o povo durante vinte e três anos. Então morreu e foi enterrado em Samir.
Tolá foi sucedido por Jair, nascido em Gileade, que foi líder por vinte e dois anos. Jair tinha trinta filhos, e cada um deles tinha uma cidade em Gileade. Além disso, apesar de Jair ser um cara muito legal, seus filhos eram uns pretensiosos, que faziam músicas metidas a espertinhas, lançando-as por uma gravadora de nome *cool* e... Ah, não, esse é **outro Jair**. O Jair do qual falávamos, juiz de Israel, morreu e foi enterrado em Camom.

– ***Come on****, eu preciso* ***já ir****.*
– *Vai indo, daqui a pouco eu* ***tô lá****.*
– *Legal. E vê se fala pro* ***Sam ir****.*

Ah, sinto muito, não resisti.

OS AMONITAS ESCRAVIZAM O POVO DE ISRAEL

(Juízes 10:6-18)

Esse livro dos Juízes é claramente cíclico: o povo se afasta de Javé, aí vêm os inimigos e dominam Israel. Então os israelitas se arrependem dos seus pecados, Deus manda um líder para libertá-los, há paz por muitos anos. Tranqüilos, os israelitas voltam a adorar outros deuses, aí vêm os inimigos, dominam Israel, e assim por diante. Pois bem, depois da morte de Jair, os israelitas se empolgaram e começaram a adorar os deuses e deusas dos cananeus, da Síria, de Sidom, de Moabe, de Amom e dos filisteus, uma grande salada de divindades. Javé ficou com muita raiva, e castigou seu povo, mandando contra Israel os amonitas e filisteus. Durante dezoito anos eles escravizaram os israelitas que viviam em Gileade, na margem leste do Jordão. Além disso, os amonitas atravessaram o Jordão e começaram a lutar contra as tribos de Judá, Benjamim e Efraim. Desesperados com a situação, os israelitas pediram a Deus que os libertasse:

– Ô, Javé! A gente sabe que fez cagada com esse negócio de adorar outros deuses e tal. Mas precisava tanto? Os amonitas estão pegando pesado. Vem ajudar a gente, Javé!
E Javé, deixando o orgulho um pouco de lado, dignou-se a responder:
– Tá ruim aí, é?
– Tá!
– Tá insuportável, é?
– Insuportável, Javé! Insuportável!
– Puxa... Das outras vezes eu ajudei vocês, não foi?
– Foi mesmo, Javé!
– Pois é... E mesmo assim vocês me abandonaram, não foi?
– Foi...
– Ei, pra que tanto desânimo? Vocês não querem ajuda? Pois terão ajuda!
– EBA!!!
– Sim, sim!
– E como é que você vai ajudar a gente, Javé?
– Eeeeeeeu??? Eu não vou ajudar ninguém, tão loucos? Vocês têm tantos deuses, peçam ajuda a eles, oras. Se são tão melhores que eu, a ponto de vocês me trocarem por eles, devem ajudá-los com mais eficiência.
– Mas... Mas o Senhor vai abandonar seu povo?
– Er... Deixa eu pensar... Sim! Vou abandonar o meu povo e tirar umas férias! Tchau, boa sorte com seus deuses.
– Não fode, Javé! Tudo bem, só fazemos merda, mas nos ajude só dessa vez!
Então os israelitas destruíram todos os seus ídolos e voltaram a adorar apenas a Javé. Este, por sua vez, resolveu pensar melhor e talvez conceder uma nova chance ao seu povo.
Enquanto isso, o exército amonita acampava em Mispa. O povo de Israel, tendo voltado para Javé, sentia-se seguro para começar a combater o opressor. Então os chefes de Gileade combinaram que o homem que comandasse os israelitas na luta contra os amonitas governaria a região. E é aí que surge um grande filho da puta, do qual falaremos no próximo capítulo.

JEFTÉ, O FILHO DA PUTA

(Juízes 11)

Havia em Gileade um homem chamado Jefté, soldado valente e filho da puta.
– Porra, Chicoteia, pega leve...
Não, vocês não entenderam. Jefté era filho da puta mesmo: seu pai, que se chamava Gileade, engravidara uma prostituta. Pois bem, imaginem o preconceito sofrido por ele. Desde cedo sua vida foi difícil, e mais ainda ficou depois de uma briga em família: a esposa de Gileade também teve seus filhos, os quais, depois de crescidos, expulsaram Jefté de casa, porque não o consideravam digno de partilhar a herança de seu pai. Ele fugiu de seus irmãos e foi morar em Tobe, onde se juntou à malandragem local. Quando os amonitas começaram a se preparar para atacar Israel, acampando em Mispa,

a valentia de Jefté já era de todos conhecida. Então alguns dos chefes de Gileade (a terra, não o pai de Jefté) foram até Tobe falar com ele:

– Jefté, só você pode nos ajudar. Por favor, volte para Gileade e comande nosso exército na guerra contra os amonitas.

– Ah, é assim, é? Quando eu fui expulso de casa, ninguém me ajudou, e agora que estão passando por um perrengue, vêm correndo me buscar?

– Er... Pô, Jefté. Esquece isso. Foi há tanto tempo!

– Eu vou. Mas com uma condição: se ganharmos a guerra, eu serei o governador de Gileade.

– Combinado!

Jefté, empolgado pela aventura que o esperava (e pela perspectiva de revanche contra seus irmãos), acompanhou os líderes até sua terra natal, onde foi aclamado governador. Foi até Mispa e fez todo o povo jurar-lhe fidelidade, voltando para Gileade depois. De lá, mandou uma mensagem ao rei dos amonitas:

From: jefte@tobe_freeserv.com.il
To: rei@amon.gov.am
Subject: Coé?

Majestade,

Com todo respeito, qualé a tua? O que você e seu povo têm contra mim? Porque invadiram meu país?

Jefté, filho de Gileade

Quase em seguida chegou a resposta do rei:

From: rei@amon.gov.am
To: jefte@tobe_freeserv.com.il
Subject: *Re:* Coé?

Jefté,

Negócio seguinte: quando os israelitas saíram do Egito, roubaram as terras de nossos antepassados desde o rio Arnom até os rios Jaboque e Jordão. Agora eu vim pegar essas terras de volta, e espero que vocês tenham o bom senso de devolvê-las sem luta.

Eu, o rei

Jefté ficou puto com a desfaçatez do rei inimigo, mas conseguiu controlar-se e respondeu com serenidade:

From: jefte@tobe_freeserv.com.is
To: rei@amon.gov.am
Subject: *Re: Re:* Coé?

Como é que é? Peraí, majestade, acho que o senhor pegou a versão errada da história. Clique **neste link**, e verá o que aconteceu de verdade. Em resumo: Moisés, nosso grande líder, peregrinava com o povo pelo deserto. Tinha enviado mensagens aos reis de Edom e de Moabe, solicitando passagem por seus territórios para cortar caminho, e dando garantias de que tal passagem seria pacífica. Ambos negaram. Então o povo teve que dar uma volta desgraçada, rodeando as terras dos edomitas e moabitas, e acabando por acampar na fronteira leste de Moabe. De lá, Moisés enviou mensageiros a Seom, rei dos amorreus (amorreus, amonitas, tudo a mesma raça), com o mesmo pedido: apenas que permitisse aos israelitas cortar caminho pelas suas terras. E ele não só não concedeu permissão, como ainda veio com todo o seu exército para atacar os israelitas. Oras, nossos antepassados eram só um bando de peregrinos, não tinham treinamento militar, e o cara faz uma covardia dessas? Só que ele não contava com o nosso deus, Javé, que ajudou Israel a derrotar os amorreus, conquistando suas terras. Foi Javé quem deu essas terras a nós, portanto. E você as quer de volta? Faz-me rir! Podem ficar com tudo o que Quemos, o deus de vocês, lhes deu. Nós ficamos com o que Javé nos deu, e fica todo mundo feliz.
Pô, você pensa que é melhor do que Balaque, filho de Zipor, que era rei de Moabe? Será que alguma vez ele nos desafiou? Durante trezentos anos nós habitamos Hesbom, Aroer, e em todas as cidades às margens do Arnom. Por que foi que vocês não tomaram essas cidades durante todo esse tempo, e agora vêm aqui querer as terras sem luta? Faça-me o favor, seu rei! Negócio é o seguinte: Javé vai decidir entre israelitas e amonitas. Vamos ver quem é que vai se dar bem nessa...

Abraço!

J.

O rei nem sequer se deu ao trabalho de responder a mensagem de Jefté, o que acabou de enfurecê-lo (a Bíblia diz que *"Então o Espírito do Senhor veio sobre Jefté"* *, mas isso não passa de eufemismo para *"Então Jefté ficou puto pra caralho"*): atravessou Gileade e Manassés, retornando a Mispa, e de lá comandou seu exército contra Amom. No caminho, fez uma promessa a Deus:
– Javé, se você me fizer derrotar os mequetrefes, eu vou pegar o primeiro que sair da minha casa para me saudar quando eu voltar da guerra, e oferecê-lo como sacrifício a você.
Uma promessa um tanto estranha, a oferta de um sacrifício humano. Mas Javé não reclamou, então o pacto foi feito. Jefté atravessou o rio para lutar contra os amonitas, e os derrotou desde Aroer até Abel-Queramim, vinte cidades ao todo. Houve uma grande matança, e os israelitas derrotaram Amom.
Quando Jefté voltou para sua casa (havia se mudado para Mispa), sua filha única saiu ao seu encontro, dançando e tocando pandeiro:

– *Na minha casa todo mundo é bamba / todo mundo bebe, todo mundo s...* Pai, o que houve???
Jefté estava rasgando suas roupas, em sinal de desespero, e chorava:
– Ah, filhinha! Minha única filha! Você parte meu coração, filhinha! Eu fiz uma promessa a Javé e não posso voltar atrás...
– Que promessa?
– Prometi que sacrificaria a primeira pessoa que viesse ao meu encontro quando eu voltasse da guerra.
– Um sacrifício HUMANO, pai???
– É...
– E Javé aceitou?
– Bom, não recusou...
– Hum... Ué, pai. Se você prometeu alguma coisa a Deus, tem que cumprir. Sabe como ele é, né? Só te peço uma coisa: deixa que eu saia com minhas amigas e vá para as montanhas chorar por dois meses, porque nem mesmo terei a chance de ser mãe um dia...
– Mas... Filha...
– E da próxima vez, pai, pensa melhor antes de prometer alguma coisa.
Então ela chamou suas amigas e foram todas para as montanhas. Depois de dois meses, ela voltou e seu pai a sacrificou em honra a Javé. Que beleza, não? Ele bem que tentara, ao pedir que **Abraão imolasse seu filho Isaque**, mas se arrependeu em cima da hora. E agora, com Jefté, finalmente conseguiu o que queria: um pouquinho de sangue humano derramado apenas para satisfazer a seus caprichos, e mais nada.
Ah, o capítulo se encerra dizendo que a filha de Jefté morreu virgem, e que o episódio fez surgir a tradição de as mulheres israelitas saírem de casa todos os anos durante quatro dias para chorarem sua morte. Sei não, sei não... A menina passou dois meses longe de casa, acompanhada apenas de suas amigas adolescentes. Duvido que tenha voltado virgem, com tanto beduíno por ali dando sopa. E essa tradição das mulheres israelitas parece mais uma puladinha de cerca anual, à qual os maridos faziam vista grossa.

JEFTÉ E A TRIBO DE EFRAIM

(Juízes 12)

No **capítulo em que Gideão derrotou os midianitas**, ficamos sabendo que os homens de Efraim eram os melhores guerreiros de Israel. Tudo muito bem, mas tinha um detalhezinho chato: eles gostavam de ver sangue e não admitiam de forma alguma serem deixados de fora de qualquer batalha. Jefté os convocou para a guerra quando os amonitas já estavam praticamente derrotados, o que os emputeceu deveras. O exército efraimita atravessou o Jordão e os líderes foram falar com Jefté:
– Porra, Jefté! Agora cê vem chamar a gente pra guerra? Tá doido? Isso não vai ficar assim! Vamos queimar sua casa com você dentro, filho da puta!
– Ei, peraí! Primeiro: sou filho da puta mesmo, e tenho muito orgulho da profissão de mamãe. Segundo: eu mandei um e-mail convocando vocês para a guerra. Não receberam

não? Mandei o e-mail e fiquei esperando. Como vocês não vieram me ajudar, vim com os soldados que tinha e derrotei os amonitas, com ajuda de Javé. Sinto muito.
– MENTIROSO! NÓS VAMOS ACABAR COM A TUA RAÇA!
– Ei, não fiz nada contra vocês! Que negócio é esse?
– Vocês, gileaditas, vivem nas terras de Efraim e Manassés, e no entanto são uns traidores! Você é um desertor de Efraim!
Jefté não tinha metade do jogo de cintura de Gideão, então nem tentou uma solução diplomática:
– EU QUERO MAIS É QUE EFRAIM SE FODA! E AÍ? VÃO ENCARAR?
O clima ficou bem pesado, e a guerra foi declarada, Gileade contra Efraim. Como estratégia, os gileaditas tomaram todos os pontos de travessia do Jordão, para evitar que os efraimitas passassem. Então, sempre que alguém chegava por ali, a sentinela perguntava:
– É efraimita?
Se o cara respondesse "sou", era morto na mesma hora. Se negasse ser efraimita, a sentinela fazia um teste:
– Fala "Chibolete".
– Como???
– FALA "CHIBOLETE", CARALHO!
Parece absurdo, mas na verdade era um jeito simples e eficaz de saber se o sujeito era efraimita ou não: devido ao sotaque de Efraim, qualquer um nascido naquela terra pronunciaria "Sibolete". Algo como pedir a um carioca para falar "sinistro" (*"sinishtro, aê!"*) ou a um paulistano para dizer "evento" (*"evêinto, meu!"*). E o que aconteceu ali às margens do Jordão foi mesmo um *evêinto sinishtro*: 42 mil efraimitas mortos por causa de seu sotaque. Diabólico, não?
A vitória sobre Efraim foi o último feito digno de nota na vida de Jefté. Depois disso, ele governou Israel por seis anos, após os quais morreu e foi enterrado em Gileade.

Jefté foi sucedido por um certo Ibsã, da cidade de Belém (aquela). Ibsã tinha trinta filhas e trinta filhos, para os quais arrumou noivos e noivas de outras tribos. Governou Israel por sete anos. Depois que Ibsã morreu e foi enterrado em Belém, foi a vez de Elom tornar-se juiz. Ele governou por dez anos, e foi enterrado em Aijalom, na tribo de Zebulom, sua terra natal. Abdom, filho de Hilel, sucedeu a Elom, e seu governo (se é que podia se chamar assim) durou oito anos. Foi enterrado em Piratom, sua cidade de origem, na tribo de Efraim.
Três juizezinhos muito dos sem-vergonhas, que nada fizeram de notável. Em compensação, depois de Abdom (o inventor dos abdominais, rá!), vem o cara que fez algumas das coisas mais impressionantes de toda a Bíblia, um verdadeiro herói. Começaremos a falar dele no próximo capítulo.

ESCLARECIMENTO

Lendo o *Asimov's Guide To The Bible*, descobri que a palavra "chibolete", que os gileaditas usavam para descobrir quem era de Efraim, significava "córrego", "corrente de água". E também aprendi que, em inglês, o termo *shibboleth* é usado para definir qualquer palavra

que sirva para distinguir um grupo de pessoas de outro. A frase "Espera a pêra", por exemplo, que o Jô Soares – achando que é engraçado – faz qualquer um que fale espanhol pronunciar (*"Espêra pêra"*), é um *shibboleth*.

O NASCIMENTO DE UM SUPER-HERÓI

(Juízes 13)

E então mais uma vez os israelitas abandonaram Javé e começaram a adorar outros deuses; e outra vez Javé se vingou, agora deixando que os filisteus dominassem Israel por quarenta anos. Nessa época, vivia na cidade de Zora, em Dã (dã!), um homem chamado Manoá. A grande tristeza da vida de Manoá era não ter filhos, pois sua esposa era estéril. Até que um dia um anjo apareceu para ela:
– Você que é a mulher de Manoá?
– Sou sim. Quem é você?
– Não interessa. Eu sei que você não pode ter filhos, e por isso nunca foi mãe.
– Er... Meio ÓBVIO isso, não?
– NÃO ME INTERROMPA! Vim aqui para lhe trazer boas notícias: você vai engravidar em breve. Não tome vinho nem qualquer outra bebida alcóolica, não coma nenhuma comida proibida, porque você vai ter um filho que será dedicado a Deus.
– Como é que é? Tá me dizendo que eu vou ter um filho? Cê é vidente, é? Olha, pode até ler minha mão se quiser, mas vou logo adiantando que não tenho dinheiro.
– Ô MULÉZINHA RANHETA QUE O MANOÁ FOI ARRANJAR, HEIN? DEIXA EU TERMINAR!
– ...
– HUMPF! Como eu dizia, seu filho será dedicado a Javé, será um nazireu.
– NARIZEU???
– NAZIREU, PORRA! Será possível que você não saiba o que é um nazireu?
– Eu não. É contagioso?
– Ai ai... **Aqui, ó**. Nazireu é o homem que é dedicado ao serviço de Deus. Um nazireu não pode tomar vinho, nem beber suco de uva, nem comer nada que seja feito de uvas. Não pode cortar os cabelos nem a barba e não pode tocar em cadáveres.
– Vixe, quanta regra...
– Pois é. Seu filho será um nazireu desde o nascimento. Ele será um grande líder, e começará a livrar Israel do poder dos filisteus.
– Dos filhos meus? Mas eu não tenho...
– FILISTEUS! FILISTEUS! OS CARAS DA FILISTIA!
– Ah, sim. Os filhos-da-puta.
– Esses.
– Mas peraí, se eu vou mesmo ser mãe, como é que... Ei. Moço? Moçoooooo... Putz, sumiu.
Intrigada com a súbita aparição do estranho, e ainda mais com seu sumiço, ela foi falar com o marido.
– Manoá do céu, cê não sabe o que me aconteceu hoje!
– Quebrou uma unha?
– BAH! Um homem veio falar comigo...

– Um HOMEM??? QUEM FOI O DESGRAÇADO???
– Calma, Manoá! Eu acho que era um anjo...
– MANÉ ANJO!
– Sério mesmo! Era grandão, usava roupas brancas. Apareceu de repente, e mais de repente ainda sumiu. Estava com uma mochila nas costas. Uma mochila MUITO GRANDE. Sei não...
– Que que tem?
– Acho que a mochila era pra esconder as ASAS dele!
– Mulher, cê andou bebendo?
– Claro que não! Aliás, o anjo me proibiu de beber.
– Peraí: um cara que cê nunca viu mais gordo já chega logo dizendo o que você deve ou não fazer? Ele pelo menos se apresentou?
– Não. Mas ouve só: ele falou pra eu não beber vinho e pra não comer comidas proibidas, porque eu VOU TER UM FILHO!
– DELE???
– ¬¬. SEU, ORAS!
– \o/
– \o/
– QUE LEGAL! Mas será que era um anjo mesmo? E se tiver sido só trote de algum engraçadinho?
– Ah, acho que não. O cara manja até de leis e tal. Falou que nosso filho vai ser nazireu.
– Ah, é?
– Você sabe o que é nazireu???
– Claro, ué. Você não sabe?
– Er... Claro que sei! Só me faltava essa, não saber o que é um nazireu. Sei desde pequenininha.
– Hum... Sei não... Será que era um anjo mesmo?
– Ai ai... Homem desconfiado...
De fato, Manoá era um tanto desconfiado. Então resolveu apelar para Javé:
– Ô, Deus. Não leve a mal não, mas essa história toda que minha mulher contou... Se foi um anjo mesmo que falou com ela, será que dava pro senhor mandá-lo de volta pra me contar direito essa história de filho nazireu e tal? Obrigado.
A oração de Manoá foi atendida: no dia seguinte, quando sua mulher estava sentada no campo, o anjo reapareceu para ela.
– Opa, e aí?
– Hum? EI! VOCÊ! PERAÍ, JÁ VOLTO!
Saiu correndo para chamar o marido:
– Corre, Manoá, que o anjo tá lá no campo!
Manoá largou o que estava fazendo e saiu, esbaforido, atrás da esposa. Chegando aonde estava o anjo, perguntou:
– Foi você que falou com minha mulher ontem?
– Eu mesmo.
– Hum... Eu queria mais detalhes sobre o assunto que vocês trataram.
– Que detalhes? O que eu tinha a dizer, já disse à sua mulher. Você não confia nela não? Ou será que é tão machista que pensa que só você decide as coisas em casa?

– ...
– Bah! O Chefe me falou que você tinha me chamado, por isso eu vim. Mas se eu soubesse que você só queria que eu repetisse tudo, nem teria me dado ao trabalho. Vou embora.
– Espera, espera! Não vai assim! Espera um pouco, que vamos cozinhar um cabrito pra você.
– Se eu ficar, não vou comer da sua comida. Mas se você quiser cozinhar o cabrito mesmo assim, que seja para queimá-lo como oferta a Javé.
– Por mim tudo bem... Escuta, como você se chama? Preciso saber o seu nome, para lhe fazer uma homenagem quando meu filho nascer.
– Por que você quer saber o meu nome? Basta saber que é um nome maravilhoso...
– Ui, santa...
– COMO???
– Hã? Nada não. Peraí, vou buscar o cabrito.
Então Manoá pegou o cabrito e uns cereais, queimando tudo sobre uma pedra. Enquanto o fogo consumia o sacrifício, o anjo fazia umas mágicas para o casal, para impressioná-los e provar que era mesmo um anjo. Depois de uma série de truques embasbacantes, o *gran finale*: começou a levitar e subiu ao céu no meio das chamas. Só nessa hora Manoá se convenceu de vez de que tinha visto um anjo de verdade.
– Ai, mulher, fodeu! Nós vimos um anjo, vamos morrer!
– Ah, deixa de ser bunda-mole, Manoá! Tanta gente já viu anjo e não aconteceu nada, por que é que justamente nós iríamos morrer?
– Hum... É, você tem razão. Como sempre, né, meu amor?
– Pára, bobo...
– Minha mulherzinha falando com anjo. Que orgulho!
– Pára, tô ficando encabulada...
– Você fica tão linda assim, coradinha... Vamos voltar pra casa?
– Mas eu tenho coisas pra fazer aqui e... Ei, eu conheço esse olhar!
– ...
– Tá, vamos.
Como resultado do que se seguiu a esta cena patética, nove meses depois nasceu o filho do casal. Chamaram o menino de Sansão.

O casamento de Sansão

(Juízes 14 e 15:1-8)

"E o Espírito do Senhor veio sobre Fulano", *"Então o Espírito de Deus se apossou de Beltrano"* – fórmulas assim são recorrentes na Bíblia e, como vimos no capítulo em que Jefté derrotou os amonitas, geralmente significam que Fulano (ou Beltrano) ficou muito doido de repente. Parece-se, aliás, com o que dizem muitos *serial killers*: "As vozes me obrigaram", "Deus mandou", "O Diabo pediu com muito jeitinho e eu não tinha como recusar, sabe como é...".
Pois muito bem, o menino Sansão cresceu e Javé ia com a cara dele. Um dia, quando estava no campo entre Zora e Estaol, na tribo de Dã, pela primeira vez ele sentiu que *O*

Espírito de Deus o dirigia. Então, assim dirigido, desceu até a cidade de Timna e ali viu uma moça filistéia. Sansão ficou encantado por ela, e voltou correndo para casa:

– Pai! Mãe! Vi uma garota lá em Timna e me apaixonei por ela. Falem com os pais da menina, quero me casar.

– Er... Uma moça israelita, filho?

– Não. Filistéia.

– Ah, faça-me o favor! Com tanta mulher dando sopa aqui em Israel você foi se enrabichar logo por uma vagabunda filistéia. Sansão, aquele povo sequer é circuncidado!

– Mãe, que mentalidade atrasada! Não adianta vocês irem contra: é daquela moça que eu gosto, e vou me casar com ela, vocês aprovando ou não.

Diante da obstinação de Sansão, os pais cederam, mesmo contrariados. Não sabiam que essa loucura do filho era, na verdade, parte do plano de Javé para libertar Israel do jugo filisteu. Então a família pegou o caminho para Timna.

Quando estavam quase chegando, já passando entre as plantações de uva de Timna, um leão veio rugindo para cima de Sansão. Ele, *dominado pelo Espírito de Deus*, enfrentou o bicho com as mãos nuas e o rasgou ao meio, como se fosse um cabrito. Seus pais, que iam mais à frente, não viram nada, e ele achou melhor não contar o que acontecera. Chegaram a Timna, Sansão foi conversar com a moça e gostou mais ainda dela. Os dois gostavam das mesmas músicas, haviam lido os mesmos livros, tinham *hobbies* parecidos. Nada de novo: quando se está apaixonado, tende-se a forçar a realidade para que um encontro fortuito pareça ter um significado maior, como se forças superiores manipulassem o tempo e o espaço para que se realizasse o encontro de duas almas gêmeas. Mas são palavras nascidas de um coração amargo: Sansão, pelo contrário, sentia-se arrebatado pela moça, e poucos dias depois voltou a Timna para casar-se com ela. Ficaram um tempo naquela conversinha doce e boba de casal por um tempo. Então ele lembrou-se do leão que matara dias antes, e resolveu ir ver como estava. Foi até o local onde havia matado o bicho, e ficou espantado ao ver que um enxame de abelhas havia feito sua colméia na carcaça do leão. Pegou um favo e saiu comendo pela estrada. Tendo encontrado seus pais, ofereceu mel a eles, sem no entanto dizer onde o havia encontrado.

Bom, mas Sansão e seus pais estavam em Timna para tratar de assuntos sérios, não para se lambuzarem de mel: Manoá foi à casa dos pais da moça para formalizar o pedido. Enquanto isso, Sansão fazia sua festa de despedida de solteiro. Os filisteus, sabendo da festa, levaram trinta rapazes da mesma faixa etária para participarem. Lá pelas tantas, todo mundo muito louco (não que o *Espírito de Deus se movesse sobre eles*, era manguaça mesmo), Sansão subiu numa mesa e todos fizeram silêncio para escutarem o discurso do noivo:

– Escutem, filisteus. Eu tenho uma adivinhação para vocês, quero ver se são inteligentes. Vou dar trinta túnicas de linho puro e trinta mantos a vocês, se conseguirem resolver minha charada antes do final dos sete dias da festa de casamento. Se não acertarem, porém, cada um de vocês me dará uma túnica e um manto. E aí, topam?

– Manda a charada, Sansão!

– Tá, lá vai:

"Do que come saiu comida,
e do forte saiu doçura"

– HEIN???
– É isso aí. Vocês têm os sete dias da festa para me trazerem a resposta.
Passaram-se três dias e eles ainda não tinham idéia da resposta. No quarto dia, foram falar com a noiva:
– Seguinte, dona: dá um jeito de descobrir a resposta da adivinhação do seu noivo, ou então nós vamos botar fogo na casa, com você e toda a família dentro. Vocês só nos convidaram para poderem nos roubar, né? Pois não tentem ser mais espertos do que nós.
A moça, assustada, resolveu fazer o que fazem todas as mulheres quando querem algo de seus homens, e rápido: começou a chorar.
– Você não me ama! Não, você me odeia!
– Queisso, mulher? Endoidou? É o *Espírito de Deus*?
– Você sabe muito bem o que é!
– Er... Não, não sei.
– Se você não sabe, eu é que não vou dizer!
– Ah. Tá bom, então. Me chama quando estiver se sentindo melhor...
– MONSTRO INSENSÍVEL!
– Ai meu caralho... O que te deu, mulher?
– VOCÊ ME ODEIA!
– Não odeio não, mas se você continuar com frescura eu posso começar...
– Frescura? FRESCURA??? Você propôs uma adivinhação aos seus amigos e não me falou a resposta!
– HEIN??? Ih... Primeiro: não são meus amigos, são filisteus. Segundo: nem para os meus pais eu falei a resposta, vou falar para você? Terceiro: ISSO LÁ É MOTIVO PRA ARMAR ESSA CENA TODA???
– SEM CORAÇÃO!
A mulher chorou durante os dias restantes da festa. Ao sétimo dia, não agüentando mais tamanha chateação, Sansão contou-lhe qual era a resposta da charada. Ela foi correndo contar aos rapazes filisteus, os quais vieram falar com Sansão.
– Sansão, nós temos a resposta da sua charada!
– É mesmo? E qual é?
– Bom, é uma charada meio besta essa sua, mas lá vai a resposta:

"Que coisa é mais doce que o mel?
E o que é mais forte do que o leão?"

– PUTA QUE PARIU! Se vocês não lavrassem a terra com minha novilha, jamais saberiam a resposta.
– Que porra é essa? Outra charada???
– Nah. Tô dizendo que se vocês não tivessem conversado com minha mulher, não saberiam a resposta nem fodendo. Grandes filhos da puta vocês são, e ela também.

Então *o Espírito de Deus se apossou de Sansão*, que foi até Ascalom e ali matou trinta homens bem vestidos que encontrou no caminho. Tirou suas roupas e levou aos filisteus como pagamento da aposta. Depois voltou para a casa de seu pai, emputecido como nunca (era esquentado, o Sansão, ainda mais quando *o Espírito de...* Bom, vocês sabem). Com o sumiço do genro, o pai da noiva resolveu dá-la em casamento ao padrinho. O tempo passou, Sansão esfriou a cabeça e, na época da colheita do trigo, achou que era tempo de voltar a Timna e fazer as pazes com a mulher e sua família. Para isso, levou um cabrito de presente. Foi falar com o pai da moça:
– E aí, sogrão, beleza? Trouxe esse cabrito aqui pra vocês, olha só que bichão! E queria... om, o senhor sabe... Queria cumprir meus deveres de esposo.
– Como?
– Não, não: eu como. Vou ali no quarto da sua filha, tá bom? Daqui a pouco eu volto aí pra gente tomar uma cerveja e conversar.
– No quarto da minha filha? De jeito nenhum!
– Er... Não sei se o senhor está lembrado, mas eu sou o MARIDO dela. Tenho esse direito, ou melhor, essa obrigação!
– Não, Sansão, nada disso. Veja bem: você sumiu aquele dia, saiu batendo a porta e pisando forte, achei que você odiasse minha filha. O que você queria que eu pensasse, oras?
– Tá, eu sei. Sou esquentado às vezes, isso me atrapalha bastante. Mas vou ver se entro numa terapia agora, se começo a fazer ioga, balé, sei lá. Vou melhorar, prometo. Só que agora eu PRECISO ir até o quarto da sua filha. Tô na seca, sogrão. Você é homem, entende minha situação...
– Entendo, claro que entendo. Mas acontece que eu, pensando que você tinha rejeitado minha filha, dei-a em casamento ao seu amigo.
– COMO É QUE É???
– Ei, Sansão, fique calmo... Ela tem uma irmã mais nova, ainda mais bonita que ela. Se você quiser...
– EU QUERO É PORRA NENHUMA! EU TÔ MUITO PUTO COM VOCÊ, COM SUA FILHA E COM TODA ESSA TERRA DE MERDA QUE É A FILISTIA! E TÔ SENTINDO *O ESPÍRITO DE DEUS CHEGANDO*! CÊ VAI VER SÓ!
Saiu da casa do sogro furibundo e foi para o campo, onde capturou trezentas raposas. Amarrou-as duas as duas pelos rabos, prendendo a cada dupla uma tocha acesa, e soltou as raposas nas plantações de trigo dos filisteus. O fogo queimou o trigo já colhido, o trigo por colher, e ainda por cima as oliveiras. Ao verem o tamanho do prejuízo, e sabendo que Sansão o causara por ter sido contrariado pelo pai de sua noiva, os filisteus foram e queimaram vivos a moça, seu pai e toda a família. Sansão, o rei do autocontrole e da arte *zen*, conseguiu ficar mais puto ainda:
– EU NÃO VOU DESCANSAR ENQUANTO NÃO ACABAR COM ESSA RAÇA MALDITA!
Nesse mesmo dia ele matou muitos filisteus, e depois refugiou-se numa caverna que ficava em Etã. E esse foi só o começo dos problemas para os filisteus, como veremos mais adiante.

SANSÃO CONTINUA INFERNIZANDO OS FILISTEUS

(Juízes 15:9-20 e 16:1-3)

No último capítulo, deixamos Sansão escondido na caverna de Etã. Seu sossego não durou muito, porém: os filisteus, furibundos com o prejuízo causado pelo Rambo israelita, acamparam em Judá e atacaram a cidade de Leí (leí, em hebraico, é *queixada*. Vocês já vão entender o porquê). Os homens de Judá ficaram indignados:

– Ei, cês tão loucos? Por que nos atacaram, se estávamos aqui na boa, sem mexer com ninguém.

– Louco é esse tal de Sansão aí. O filho da puta fez a maior bagunça na nossa terra, e viemos aqui para prendê-lo.

– Ai, caralho... O Sansão é um abusado, está prejudicando a gente assim. Esperem aí, vamos falar com ele.

Então três mil homens de Judá foram até a caverna falar com Sansão.

– Ô, maluco.

– Opa.

– Cê não sabe que os filisteus mandam na gente, porra? Por que foi mexer com os caras?

– Ué, eles mexeram comigo, eu só revidei.

– Sansão, Sansão... Você causa muitos problemas. Viemos aqui para prender você e entregá-lo aos filisteus.

– Hum... Tudo bem. Prometem que não vão me matar?

– Claro que não vamos te matar, oras. Que idéia besta...

– Então tá bom. Eu me entrego.

Espantados com a facilidade com que Sansão se rendera, amarraram-no com duas cordas novas e o tiraram da caverna. Quando chegaram a Leí com o prisioneiro, os filisteus vieram gritando ao seu encontro.

– OLHA LÁ O DESGRAÇADO! VAMOS TRUCIDAR ESSE FELADAPUTA!

E eles estavam mesmo dispostos a fazê-lo. Mas acontece que *o Espírito de Deus se apossou de Sansão*, e ele arrebentou as cordas como se fossem barbante queimado. Pegou uma queixada de jumento que estava jogada por ali e com ela atacou os filisteus, matando mil deles. Finda a matança, seguiu seu caminho cantando:

Com a queixada de um jumento
deixei mil filisteus mortos
Com a queixada de um jumento
fiz montões e montões de corpos.

A musiquinha, improvisada, escondia um trocadilho: em hebraico, a expressão "fazer montões" soa parecida com a palavra "jumento". Como vemos, Sansão tinha a sutileza de um Humberto Gessinger...

Mesmo cantando, porém, ele estava cansado. Matar mil homens usando só um pedaço de osso, convenhamos, é tarefa cansativa mesmo para um super-homem. Então ele pediu a Deus:
– Ô, Javé. Você permitiu que eu vencesse os filisteus dessa forma impressionante. Será que agora vai deixar que eu morra de sede e que meu cadáver seja carregado por esses incircuncisos?
Fosse outro cara, Javé responderia "Te vira". Se fosse com a cara do sujeito, talvez dissesse "Então fala praquela pedra jorrar água". Mas Sansão era diferente: era tão maluco e sanguinário quanto o deus a quem servia, então Javé disse "Pois não, Sansão!" e cavou um poço. Curiosidade: é a segunda vez na Bíblia em que vemos Deus sujando as mãos com terra (a primeira foi para fazer Adão). Vejam só em que alta conta ele tinha Sansão. Bom, ele matou sua sede no poço cavado por Javé (poço que recebeu o nome de En-Hacoré – "fonte daquele que ora", em hebraico) e, em vez de ir descansar em Israel, resolveu voltar à Filistia para aporrinhar os filisteus mais um pouquinho. Chegou à cidade de Gaza, uma das principais da Filistia. Não sentia mais sede, mas outras necessidades ainda o incomodavam, então arrumou uma prostituta por um preço bom e foi dar uma trepadinha (para sorte da puta, *o Espírito de Deus* não deu as caras durante o ato). Os homens de Gaza ficaram sabendo que Sansão estava na cidade. Julgando que seria mais fácil capturá-lo com sono e relaxado após uma noite de sexo, ficaram de tocaia no portão da cidade (imaginem o tamanho do portão), esperando que ele saísse ao amanhecer. No entanto, Sansão não esperou que amanhecesse: levantou-se à meia-noite, pagou a moça e saiu. Chegando ao portão, em vez de gritar para que a sentinela o abrisse, arrancou o danado com batentes, dobradiças, trancas e tudo mais, e saiu carregando o trambolho nas costas até o alto do monte em frente à cidade de Hebrom. Essa era sua idéia de *exercícios matinais*... Os filisteus, boquiabertos diante de tamanha demonstração de força, não tiveram coragem de persegui-lo.
Nada parecia capaz de derrotar Sansão. Mas, como diz aquela bela canção, *"O bicho que mata o homem mora debaixo da saia"*. A partir do próximo capítulo, veremos como se deu a decadência do herói bíblico.

A gravura de Sansão matando os filisteus foi retirada **daqui**. Que merda, só agora eu fui achar esse site!

SANSÃO E DALILA

(Juízes 16:4-20)

Mon coeur s'ouvre à ta voix
comme s'ouvrent les fleurs
Aux baisers de l'aurore
Mais, o mon bien-aime,
pour mieux secher mes pleurs
Que ta voix parle encore
Dis-moi qu'a Dalila tu reviens pour jamais
Redis a ma tendresse

Les serments d'autrefois
Ces serments que j'aimais

Ah, reponds a ma tendresse
Verse-moi, verse-moi l'ivresse
Reponds a ma tendresse

Samson, Samson, je t'aime.....

(*Mon coeur s'ouvre à ta voix*, ária da ópera *Sansão & Dalila*, de Camille Saint-Saëns)

Sansão permanecia invencível, e os filisteus torravam os miolos em busca de alguma forma de pegá-lo. E a oportunidade se lhes apresentou quando Sansão apaixonou-se por uma moça chamada Dalila, moradora do vale de Soreque. Todo mundo sabe que um homem apaixonado é um homem fraco: fica bobo, faz as vontades da mulher. Os amigos alertam, os pais aconselham, mas nada adianta: cegado por um sentimento, mesmo o mais forte dos homens se deixa guiar pela mulher. E isso não é de hoje, claro: os filisteus sabiam que, apaixonado, Sansão oferecia a eles uma possibilidade de ataque. Assim, os governadores das cinco cidades da Filistia foram juntos falar com Dalila:
– Ô, Dalila, o negócio é o seguinte: se você descobrir um jeito de prendermos o Sansão, cada um de nós dará a você mil e cem moedas de prata.
Dalila, com os olhinhos brilhando pela expectativa de ganhar todo esse dinheiro (somando tudo, ela teria cerca de 63 quilos de prata), aceitou a proposta dos governadores filisteus e foi falar com Sansão:
– Sansinho...
– Oi, Lila...
– Você é tão forte, né, Sansinho?
– Sou, né? Olha o muque. Aperta. Viu? Pode se pendurar no meu braço, ó. Viu? Viu?
– Puxa, você é muito, muito forte.
– E você é muito, muito linda... Vem cá...
– Não, agora não. Antes me diga: se alguém por acaso quisesse amarrar você e deixá-lo sem defesa, o que precisaria fazer?
– Pra que cê quer saber isso, Lila?
– Só curiosidade, oras...
– Sei...
– Não confia em mim, Sansinho?
– Deveria?
– ...
– Tá bom, Lila, eu te conto meu segredo: se me amarrarem com sete cordas de arco, novas, que ainda não secaram, eu perco minha força.
– Ah. Que coisa. Er... Vou ali, Sansinho, já volto.
– Vai aonde?
– Confia na sua Lila...
– Tá bom...

Dalila foi falar com os governadores filisteus, que lhe deram as sete cordas de arco. Voltou para casa com as cordas e acompanhada de alguns filisteus, os quais deixou escondidos num quarto enquanto ia falar com Sansão:
– Olha o que eu trouxe, Sansinho!
– Que é isso?
– Ué. Sete cordas de arco. Novas. Ainda úmidas.
– E para quê...?
– Curiosidade, oras. Quero ver se você fica fraco mesmo.
– Pára com isso, Dalila.
– Ah, Sansinho, vai... Deixa a Lila te amarrar, deixa...Juro que vai ser bom.
– Hmmmm... Tá bom, vai.
– Eba! Ó, vou amarrar seus pulsos assim... Suas pernas... Agora aqui... Pronto!
– Ai. Estou fraco. Cuida de mim, Lila.
– SANSÃO! OS FILISTEUS ESTÃO VINDO!
O grito era a senha para que os homens saíssem de seu esconderijo e caíssem sobre Sansão. Mas ele, que estivera apenas fingindo, levantou-se e arrebentou as cordas com a maior facilidade.
– POIS QUE VENHAM!
– Ué! Você não estava fraco???
– Claro que não, oras. Você acha mesmo que eu ia contar o segredo da minha força a você?
– Puxa, Sansinho... Me fazendo de idiota...
– Por favor, Lila, não é nada disso!
– Claro que é! Achei que houvesse confiança entre nós, mas me enganei. Nosso relacionamento está muito desgastado, Sansão. Precisamos conversar, discutir a...
– NÃO! DISCUTIR A RELAÇÃO, NÃO! EU TE CONTO MEU SEGREDO, QUALQUER COISA MENOS DISCUTIR A RELAÇÃO!
– Então conta...
– O negócio das cordas era quase verdade. É que com cordas de arco, essas feitas de vime, não ia funcionar mesmo. Agora, se me amarrarem com cordas novas, que nunca tenham sido usadas, eu viro um fracote.
– Sei... Posso testar?
– Claro!
Então Dalila o amarrou com as sete cordas, e depois gritou novamente:
– SANSÃO! OS FILISTEUS ESTÃO CHEGANDO!
– Estão, é? Legal, vou me divertir! – e arrebentou as cordas.
– Você me odeia.
– Hã?
– VOCÊ ME ODEIA! Me enganou de novo!
– Ah, minha menina, não fica assim não... Eu te conto meu segredo.
– De verdade?
– De verdade.
Mesmo querendo divertir-se às custas de Dalila, e pretendendo jamais revelar-lhe o segredo de sua força, Sansão começava a ficar meio bobo com aquele olhar lacrimejante

da mulher, aqueles lábios trêmulos. Ah, os homens! E assim, abobalhado, começou a se aproximar de seu verdadeiro segredo:
– Dalila, se você tecer as minhas sete tranças num tear, e depois disso prendê-las com uma estaca, eu ficarei fraco.
– Mentira.
– Verdade!
– Muito absurdo, isso!
– Então tá.
Dalila não engoliu aquela história, então ficou por isso mesmo. Porém, para acabar com qualquer dúvida, levou Sansão para a cama. E Sansão, como todo homem, caiu no sono logo depois do sexo. Aproveitando que ele dormia, Dalila teceu suas sete tranças – um herói meio Rapunzel, esse Sansão –, e as prendeu com uma estaca. E depois:
– SANSÃO! OS FILISTEUS ESTÃO CHEGANDO!
– Hein? Hã? Hum? Bah, que porra é essa? – arrancou a estaca – Cadê os desgraçados?
– Sansão, Sansão... Você não me ama mesmo. Puxa vida. Eu te amo tanto, tanto, e você só se diverte às minhas custas. Já é a terceira vez que você me faz de boba. Estou muito chateada com você.
Dalila ficou nesse blablablá durante dias. Pior: fez greve de sexo. Sansão, que nunca se destacara pela paciência, acabou cansando da lenga-lenga diária e resolveu contar a Dalila a verdade sobre sua força incomum:
– Ainda antes de nascer, fui consagrado a Deus como nazireu, por isso meu cabelo nunca foi cortado. Se cortarem meu cabelo, ficarei fraco, e serei apenas um homem comum. Dalila ia protestar, dizer que era outra história absurda. Mas viu nos olhos de Sansão que dessa vez ele estava contando a verdade, então mandou um recado aos governadores filisteus, pedindo que enviassem rápido homens para o prenderem. Os homens chegaram e ficaram escondidos no mesmo quarto de antes. Enquanto eles esperavam, Dalila deitou Sansão em seu colo:
– Ah, meu querido! Agora eu sei que você confia em mim de verdade. Obrigada! Obrigada!
Enquanto falava com voz suave, fazia cafuné em seus longos cabelos. Ele dormiu, e ela chamou um dos homens para que lhe cortasse as tranças. Quando Sansão acordou, Dalila começou a provocá-lo, mas ele parecia mesmo ter perdido sua força. Então, para testar, gritou outra vez:
– SANSÃO! OS FILISTEUS ESTÃO CHEGANDO!
Dessa vez os filisteus apareceram mesmo, saídos do quarto ao lado. Sansão nem se abalou: "Pois que venham, eu me livro deles como sempre fiz".
Será? Veremos.

Sansão e Dalila, de Rubens – National Art Gallery, Londres

A MORTE DE SANSÃO

(Juízes 16:21-31)

Sansão acreditava mesmo que poderia vencer os filisteus mais uma vez. Mas não contava com um fator: Javé o havia abandonado. Ele já quebrara seu voto de nazireu uma vez, ao tocar o cadáver do leão, e tinha acabado de quebrá-lo de novo, tendo os cabelos cortados. Não foi ele quem cortou os cabelos, foi enganado e traído pela mulher que amava, mas desde quando Deus liga para essas coisas? Em Sua infinita vaidade, não admite ser contrariado de forma alguma, e reage da forma mais cruel. Então, na hora em que Sansão mais precisou, não teve *Espírito de Deus* para se apossar dele, e o pobre coitado foi capturado pelos filisteus. Eles furaram seus olhos, prenderam-no com correntes de bronze e o levaram para uma prisão em Gaza, onde trabalhava virando um moinho. Não, não *se transformando* num moinho, que ele era Sansão e não um dos Super Gêmeos. Bah, vocês entenderam: ele passava os dias andando em círculos, empurrando a pedra do moinho, cego, acorrentado e abandonado pelo mesmo Deus que pouco tempo antes cavara um poço para ele.

Para comemorarem a captura de seu maior inimigo, os filisteus organizaram uma festa, na qual ofereceriam um grande sacrifício a seu deus, Dagom. O templo estava cheio, os cinco governadores da Filistia estavam presentes, e havia no terraço cerca de três mil pessoas. Todos estavam felizes, e improvisavam sansões sobre a derrota de Canção, ou melhor, canções sobre a derrota de Sansão. No meio da celebração, alguém teve a idéia:

– Ei! Por que não trazem Sansão pra cá? A gente pode se divertir um pouco...

A proposta foi prontamente aceita, e Sansão foi trazido do cárcere. Foi espezinhado e humilhado no meio da multidão, e os filisteus soltavam hurros de júbilo. Ali estava o flagelo da Filistia, o israelita que matara tantos filisteus e causara grandes prejuízos a seu país, agora reduzido a um farrapo, fraco, de olhos vazados, sem reagir de forma alguma às provocações que lhe eram dirigidas.

Depois de muito se divertirem às custas de Sansão, os filisteus o colocaram entre as colunas principais do templo, de onde podia ser visto por todos os presentes. Só nesse momento Sansão pareceu ter tomado consciência do que acontecia. Aproximando-se do garoto que o guiava pela mão, pediu:

– Por favor, deixe que eu me encoste nas colunas do templo. Estou muito cansado.

O rapaz atendeu a seu pedido, e o orientou de tal forma que pudesse apoiar o corpo numa das colunas. Tendo chegado aonde queria, Sansão falou com Javé pela última vez:

– Deus, você me abandonou e isso não se faz. Nunca estive tão fodido em toda minha vida. Só que o ódio que eu sinto dos filisteus é hoje maior do que nunca. Então eu lhe peço que me dê forças pela última vez, para que eu me vingue dessa raça por ter furado meus olhos. – e então, apoiando a mão direita numa das colunas e a esquerda na outra, começou a empurrar e gritou: – EU MORRO, MAS LEVO ESSES FILHOS-DA-PUTA COMIGO!

Em seguida, empurrou com toda a força que tinha, e as colunas cederam. Sem sustentação, o Templo de Dagom ruiu. Os filisteus entraram em desespero, mas não tinham para onde correr. O pânico dominou a todos, a multidão tentou correr para a saída (acho não havia saídas de emergência no Templo de Dagom), e muitos morreram pisoteados no meio da correria. Ao final, foram todos soterrados pelos escombros do templo. Sansão matou mais gente do que nunca nesse dia, com o sacrifício da própria vida.

A família de Sansão foi até Gaza para pegar seu corpo, que foi sepultado em Zora, no túmulo de Manoá, seu pai. Sansão foi juiz em Israel por vinte anos.

Cena do Filme ***Samson and Delilah*** (1949), de Cecil B. DeMille,
com Hedy Lamarr e Victor Mature

MICA E SEUS ÍDOLOS

(Juízes 17)

Havia na região montanhosa de Efraim um homem chamado Mica. Ele tinha muitos ídolos, e espalhava *pôsters* pelas paredes do quarto: Engenheiros do Hawaii, Charlie Brown Jr., Jota Quest...

Nah, né nada disso.

Sansão foi o vigésimo e último dos juízes de Israel. Foi o penúltimo, na verdade, o último foi Samuel. Trataremos disso mais tarde, porém. O negócio é que o livro dos Juízes poderia muito bem acabar no décimo-sexto capítulo, mas não! Continua por mais cinco longos capítulos, que só servem para ilustrar a zona em que Israel se tornou no período entre a morte de Sansão e o surgimento de Samuel e posterior instauração da monarquia. Neste capítulo, por exemplo, ficamos conhecendo Mica, um habitante da região montanhosa de Efraim. Isso aí era verdade, o lance de os ídolos dele serem tão ruins é que foi sacanagem minha. O que aconteceu de verdade é que tinham roubado da mãe de Mica mil e cem moedas de prata – o equivalente a doze quilos e meio – e ela, é claro, amaldiçoara o gatuno de todas as formas. Tempos depois, meio ressabiado, Mica foi falar com ela:
– Mãe...
– Diga, Mica.
– Lembra de quando roubaram suas moedas?
– ARGH! Como é que eu ia esquecer?
– Hum. E lembra que a senhora amaldiçoou o ladrão de tudo quanto é jeito?
– Claro. E só queria ter um vocabulário melhor, pra poder amaldiçoar mais ainda o filho da puta.
– Er... Então... O negócio é que... Olha, mãe. Não vá ficar brava, tá?
– Mas que que te deu, moleque? Desembucha logo!
– Tá. Seguinte: as moedas estão comigo. Eu que roubei.
– Estão com você??? Ah, que Javé te abençoe, meu filho!
Surpreso com a boa reação da mãe, Mica tratou logo de devolver-lhe as moedas. Ela, feliz pela restituição, deu um toque para o filho:
– Mica, cê sabe que praga de mãe pega que é uma beleza, né?
– Sei mãe, sei. Aliás, tô preocupado com isso.
– Pois não fique, já pensei em tudo: vou oferecer essa prata a Javé, para que ele o proteja.
– Puxa vida, mãe... Obrigado.
– Queisso, filho. Bobagem. Vou oferecer a prata, e ela será usada para fazer um ídolo de madeira, folheado a prata. Toma as moedas, pode fazer o ídolo.
– Er... Sei não, mãe. Não quero mais ficar com essas moedas. Pode ficar com elas, faça o que quiser. São suas, no fim das contas.
Então sua mãe pegou duzentas das moedas e entregou-as a um ourives, o qual preparou o ídolo de madeira folheado a prata.
– PERAÍ! PÁRA TUDO!

Pois não?
– QUE HISTÓRIA É ESSA DE ÍDOLO DE MADEIRA FOLHEADO A PRATA???
Oras. É uma imagem esculpida em madeira, e depois folheada com...
– EU SEI, EU SEI! MAS E O SEGUNDO MANDAMENTO???
Er... Hã?
– O SEGUNDO MANDAMENTO, PORRA! "NÃO FARÁS IMAGENS DE ESCULTURA PARA ADORAR" E BLABLABLÁ!
Ah, esse mandamento. Então, isso é pra vocês verem a zona que Israel tinha virado: cada um fazia o que bem entendia, seguia a religião (qualquer que fosse) à sua maneira. Aquilo parecia o Brasil. Mica, por exemplo, ao ver o ídolo que sua mãe mandara fazer, decidiu fundar sua própria religião: construiu uma capela, esculpiu outros ídolos, fez uma roupa de sacerdote e escolheu um de seus filhos para o cargo. O moleque, no entanto, não levava a sério os ritos da nova religião, mesmo porque uma religião de dois seguidores é mesmo um pouco ridícula.
Mica já estava quase desistindo de sua nova religião (o *Miquismo*, talvez? Tá, esquece), quando encontrou um viajante. Este vinha da cidade de Belém (aquela!), em Judá, e era levita. Os levitas, caso vocês não se lembrem, eram consagrados ao serviço de Javé, por isso não tinham um território definido em Israel, estando espalhados pelas doze tribos. Bom, esse levita ia passando, e Mica foi falar com ele.
– E aê, rapá.
– Aê.
– De onde cê tá vindo?
– De Belém, em Judá. Sou levita, estou procurando um lugar para morar.
– Cê levita, é?
– Ai, meu saco... Eu disse que SOU levita! Da tribo de Levi!
– Ah, sim. E tá procurando onde morar, é?
– Pois é.
– Hum. Vocês, levitas, manjam desse negócio todo de rituais, rezas, sacrifícios, leis, a presepada toda, né?
– Isso mesmo.
– Sei, sei... Então, seu levita, eu acabo de fundar uma religião aí, mas não tá dando muito certo. Acho que eu precisava de uma assessoria, umas estratégias de marketing, essas coisas. Será que você pod...
– PODE PARAR! EU SOU LEVITA, TÁ ME OUVINDO? SOU CONSAGRADO AO SERVIÇO DE JAVÉ! DE JAVÉ, SÓ DELE, DE MAIS NINGUÉM!
– Mas... Mas eu te pago dez moedas de prata por ano.
– DE MAIS NING... Quantas?
– Dez. Cento e quinze gramas.
– Hum... Qual o nome dessa religião aí?
– Não tem nome ainda. Como meu nome é Mica, estava pensando em chamar de Miquismo.
– MIQUISMO??? Putz, cê tá precisando mesmo de assessoria... Beleza, eu topo.
– Legal!
Então o filho de Mica foi destituído do cargo, e o levita foi empossado como sacerdote. Ele ficou morando na casa de Mica, e oficiava todos os dias na capela. Mica, finalmente, ficou

tranqüilo: com um levita como sacerdote, de jeito nenhum Javé deixaria que as pragas de sua mãe caíssem sobre ele.

MICA E O ARRANCA-RABO COM OS DANITAS

(Juízes 18)

– *Arranca-rabo com QUEM???*
Danitas. Daquela minissérie, *Presença Danita*.
– ¬¬
Hehehe. Tá. Danitas eram os caras da tribo de Dã.
– *Ah...*

Israel andava mesmo uma zona naquela época. Para vocês terem uma idéia, a tribo de Dã ainda não tinha um território bem definido, isso décadas depois da **divisão das terras**. Moravam nas cidades de Zora e Estaol, porém em condições precárias e sob a constante ameaça dos filisteus. Cansados dessa vida de insegurança, os danitas escolheram cinco homens corajosos dentre as famílias da tribo, e os enviaram para que procurassem uma terra onde a tribo de Dã pudesse enfim estabelecer-se. Eles saíram pelo caminho e pararam nas montanhas de Efraim, para passarem a noite. Mica, querendo adeptos para sua nova religião, não hesitou em oferecer sua hospitalidade aos forasteiros. Os danitas aceitaram o convite e ficaram hospedados lá. Notaram o sotaque do levita e logo começaram a perguntar:
– Ô maluco, cê tem sotaque de Judá. O que tá fazendo por aqui? Quem te trouxe?
– Ah, eu fiz um trato com Mica: ele me paga para ser o sacerdote dele.
– Hum... Então, sacerdote, pergunta pra Deus aí se vai dar tudo certo na nossa viagem.
– Perguntar, é? Pra Deus, é? Er... Ah, sim, sim! Estou ouvindo! ESTOU OUVINDO! Hein?... Peraí, Senhor, a ligação tá ruim... Túnel?... Ah, tá bom... Melhorou... Tá, eu falo pra eles... Ó, Deus falou que vai dar tudo certo com vocês.
– Cê tá de sacanagem...
– QUEISSO? Eu sou é sacerdote, tão me ouvindo? Falo com o Hômi a qualquer hora que quiser!
– Hum. Veremos.
No dia seguinte os cinco homens continuaram sua viagem, e foram parar em Laís, uma cidade no extremo norte de Canaã. Era um povoado tranqüilo. Seus habitantes eram sidônios (um subgrupo fenício), mas a cidade era longe de Sidom. Viviam assim isolados e eram pacíficos. A terra era boa e eles tinham tudo o que precisavam. Coisa linda, não? Pois os espiões danitas também acharam: voltaram correndo para Zora e Estaol para contarem sobre sua descoberta:
– Vamos atacar! Nós encontramos um lugar perfeito: terra boa, grande, um povinho sossegado. Vai ser moleza. Bora atacar!
Então seiscentos homens saíram das duas cidades em direção a Laís. Na primeira noite, acamparam a oeste de Quiriate-Jearim, em Judá, num lugar que passou a se chamar Maané-Dã. Não, não tinha nenhum Mané na história. Maané-Dã significa *Campo de Dã* em hebraico. Saíram de Maané-Dã na manhã seguinte, e à noite passaram pelas montanhas

efraimitas, chegando à casa de Mica. Os espiões, que já haviam passado por ali antes, começaram a comentar:
– Mora um cara esquisito ali naquela casa. Ele fundou uma religião que só tem ele mesmo e o sacerdote como seguidores. Tem um ídolo de prata grandão, outros ídolos menores, uma roupa de sacerdote toda cheia de coisinhas. Que que a gente faz com ele?
– PAU NA BUNDA DEEEEEEEEEE-LE!
– Nah. Esperem aí, vamos cumprimentar o cara.
Os cinco entraram e foram bem recebidos por Mica, sempre muito cordial. Enquanto dois deles tomavam um cafezinho e distraíam o dono da casa, os outros entraram na capela e pegaram o ídolo. O levita estava na porta, sem entender a presença daqueles seiscentos homens preparados para a guerra, quando viu os homens que haviam se hospedado ali poucos dias antes saindo da capela com o ídolo nas mãos.
– Ô! Que cês tão fazendo???
– Shhhh... QUIETO! Não fale nada. Venha com a gente, seja nosso sacerdote e conselheiro.
– ESTÃO LOUCOS??? EU SOU SACERDOTE DE MICA, TÃO ME OUVINDO? DE MI...
– Melhor ser sacerdote de uma tribo inteira do que de um homem só...
– Hum... É, agora cê falou uma verdade... Bah, foda-se, vou com vocês! Vai ser um belo *upgrade* na minha carreira. Com esse aumento de *target* agora eu vou poder dar um *improve* nos meus *skills* de sacerdote e...
– HEIN??? Ai, caralho, fala direito! Pega lá seus panos de bunda e vambora, que ainda temos uma cidade a conquistar.
O sacerdote entrou em casa, pegou suas coisas e os objetos da capela, e partiu junto com os danitas. Já estavam longe quando ouviram um grito atrás deles. Era Mica, emputecido, que vinha acompanhado de seus vizinhos. Mica, lembremo-nos, era efraimita. Noutros tempos, seria temido só por isso. Porém, depois que Jefté derrotou sua tribo (a história do *chibolete*, **lembram**?), os efraimitas ficaram desmoralizados. Por isso, os danitas nem se preocuparam quando viram sua aproximação.
– O que é que há, Mica? Pra que toda essa gente aê?
– O que é que há? O QUE É QUE HÁ??? E VOCÊS AINDA PERGUNTAM??? VOCÊS ENTRARAM NA MINHA CASA, ROUBARAM OS DEUSES QUE EU MESMO FIZ, LEVARAM EMBORA MEU SACERDOTE, E AINDA PERGUNTAM O QUE É QUE HÁ? NÃO SABEM QUE MINHA RELIGIÃO É TUDO O QUE EU TENHO NA VIDA? NÃO SABEM Q...
– Olha, melhor cê parar de gritar. Aliás, cala a boca e vai embora. A gente pode ficar bravo e, sei lá, matar você e sua família.
Numa demonstração final de falta de respeito, os soldados viraram as costas para os outrora temidos efraimitas e prosseguiram sua viagem como se nada houvesse acontecido. Quanto a Mica, podia ter umas manias estranhas mas não era burro: os danitas eram muitos, e bem mais fortes. Então deu meia-volta e retornou, derrotado, para sua casa.
Os homens de Dã continuaram sua viagem, agora acompanhados de meia dúzia de deuses e de um sacerdote. Chegaram a Laís e atacaram de surpresa aquele povo tranqüilo, pacífico e isolado do mundo. Não tiveram dificuldade nenhuma em tomar e destruir a cidade. Terminada a conquista, reconstruíram Laís e mudaram seu nome para Dã (Laís era melhor, convenhamos).

A esta altura do capítulo, é dito que Jônatas, filho de Gérson e neto de Manassés, foi feito sacerdote de Dã, e que seus filhos herdaram o sacerdócio. Seria Jônatas o tal levita ex-sacerdote de Mica? Não fica claro: mais uma informação bíblica que não informa nada. O negócio é que o ídolo feito por Mica foi adorado na cidade de Dã por muitos anos, e os descendentes de Jônatas foram seus sacerdotes até que o povo de Israel foi levado para o exílio. Mas essa história ainda está bem longe.

O levita e sua concubina – Uma tragédia

(Juízes 19)

Terminada a história de Mica, com o episódio lá com os danitas, o livro dos Juízes muda de assunto mais uma vez, passando para uma história que não guarda relação alguma com a anterior, a não ser pela presença de um levita que viaja entre a região montanhosa de Efraim e a cidade de Belém, em Judá.

O levita dessa história morava em Efraim, e arrumou uma concubina lá de Belém. Acontece, porém, que a mulher botou-lhe um reluzente par de chifres na testa, os dois brigaram e ela voltou para a casa da mamãe. Quatro meses depois, já recuperado do golpe (eram chifres de leite, caíram logo), ele mandou que um empregado preparasse dois jumentos e pegou a estrada para Belém, disposto a convencer a amante a voltar para casa. Quando chegou, o pai da moça ficou muito feliz em vê-lo.

– Rapaz, mas que surpresa! Que bom que você veio!

– Hum. Estou muito feliz de ver o senhor também...

– Sim, sim, que maravilha! Veio buscar minha filha, foi?

– Sim senhor.

– Que bom, rapaz, que ótimo! Ainda bem que você não se deixa abalar por pouca coisa.

– Pois é!

– Tem gente que não consegue suportar traição de jeito nenhum.

– Hum... É.

– Mas você não! Você levou um belo par de chifres e nem ligou!

– Bom, não é bem as...

– NEM LIGOU! Corno ou não, deixou que o coração falasse mais alto.

– É que sua fi...

– Que coisa mais bonita de se ver, um chifrudo apaixonado! É de encher os olhos de lágrimas!

– Olha, eu acho que o senhor não...

– Tá certo, rapaz, certíssimo! Esse negócio de chifre é só uma coisa que botam na sua cabeça...

– AH, NÃO! EU POSSO SUPORTAR TUDO, MENOS PIADA VELHA! CADÊ MINHA MULHER? VIM BUSCÁ-LA, VAMOS EMBORA AGORA MESMO.

– Calma, rapaz, calma. Nunca vi você nervoso assim, foi sempre tão manso...

– EI!

– Hehehehe. Brincadeira, pô. Cadê seu senso de humor? A verdade é que estou muito feliz em revê-lo. E não vou deixar que vá embora não: durma aqui pelo menos uns dois dias.

O levita, acalmando-se aos poucos, aceitou a oferta do sogro. O casal reconciliou-se, e ele ficou lá por três dias. Ao quarto dia, os dois levantaram-se prontos para a viagem, mas o pai da moça não aceitou:
– Que é isso, rapaz? Agora vocês vão lá para Efraim, e quando é que eu vou ver minha filha de novo? Só se ela pular a cerca de n... Er... Então. Mas não tenha pressa! Fique aí, coma alguma coisa pelo menos, para não viajar com fome.
Eles ficaram, comeram, beberam, conversaram, contaram causos e, quando preparavam-se para partir, notaram que já começava a anoitecer.
– Mas de jeito nenhum que eu vou deixar vocês viajarem à noite! Vão dormir aqui, amanhã vocês vão.
– Agradeço muito a sua hospitalidade, mas precisamos mesmo ir.
– E atravessar o deserto à noite? Não, muito perigoso. Fiquem aí.
– Hum... Tá bom, vai.
O casal dormiu mais uma noite ali, e no dia seguinte prepararam-se (de novo) para a viagem. O velho ainda tentou detê-los por mais tempo, mas dessa vez o levita foi firme. Saíram, então, e andaram até o fim da tarde. Quase anoitecia quando chegaram à cidade de Jebus, futura Jerusalém, e o empregado sugeriu:
– Chefe, acho que a gente podia passar a noite ali na cidade.
– Ah, não sei... Ficar hospedado aí com os jebuseus, não confio nessa gente. Vamos andar mais um pouco, aí dormiremos em Gibeá ou Ramá, que pelo menos são habitadas por israelitas.
Então eles passaram direto por Jebus, e chegaram a Gibeá quando já era noite. Entraram na cidade e sentaram-se na praça. Depois de horas ali, sem que ninguém sequer lhes dirigisse a palavra, um velho que voltava do trabalho na roça foi falar com o levita.
– De onde você vem, rapaz?
– Da cidade de Belém, em Judá. Fui buscar minha mulher lá, e agora estou voltando para minha casa, em Efraim.
– Hum... Que lugar de Efraim?
– Ali nas montanhas.
– Pô, você é meu conterrâneo! Seguinte: vocês vão ficar lá em casa.
– Não precisa não, senhor! Temos comida e água aqui, e palha para os jumentos. Estamos bem, sério mesmo.
– E eu lá vou deixar um efraimita dormir na praça pensando neeeeeeeela? De jeito nenhum! Você, sua mulher e seu empregado serão meus hóspedes.
– Bom, já que o senhor faz tanta questão...
– É isso aí!
Os três acompanharam o velho até sua casa. Depois de darem comida aos jumentos, entraram, lavaram-se, comeram e beberam bastante. Estavam conversando e rindo alto quando ouviram batidas na porta.
– VOVÔ-Ô! VOVOZI-NHÔ! CADÊ O MOÇO QUE ESTAVA COM VOCÊEEE?
– Ih caralho...
– Quem está batendo à porta?
– Essa bicharada dos infernos. São uma praga aqui em Gibeá. VÃO EMBORA, MONAS! O MOÇO É MEU, SÓ ME-EU!
– Ei, peraí...

– Nah, é só pra assustar.
– BICHA VELHAAAAAAA! SE VOCÊ NÃO TROUXER O MOÇO AQUI, A GENTE ARROMBA A PORTA!
– VÃO ARROMBAR SEUS CUS, FILHOS-DA-PUTA!
– MAIS???
– Ah, que saco... EU TENHO UMA FILHA VIRGEM, E O MOÇO AQUI ESTÁ COM A AMANTE DELE! VOU MANDAR AS DUAS PARA VOCÊS SE DIVERTIREM, MAS DEIXEM MEU HÓSPEDE EM PAZ!
– AI, CREDO! TEM CORAGEM DE OFERECER RACHA PRA GENTE???
As bichas começaram a se revoltar. O levita, cagando de medo, jogou sua concubina pra fora, trancando a porta em seguida dentro da casa. Os rapazes, vendo que não conseguiriam nada melhor que aquilo mesmo, deram de ombros e abusaram da moça a noite toda, deixando-a em paz só quando o dia amanheceu. Ela veio se arrastando e ficou caída na entrada da casa. Quando o levita acordou – devia ter passado a noite com o veado velho –, viu-a ali prostrada e, numa demonstração de amor impressionante, disse:
– Ô. Levanta.
A mulher, porém, não respondeu: estava morta. Ele então pegou o corpo, ajeitou-o sobre um dos jumentos e seguiu sua viagem carregando a defunta. Quando chegou em casa, pegou uma faca e cortou o corpo da mulher em doze pedaços. Depois disso, enviou os pedaços para cada uma das doze tribos. O fato escandalizou o país, e em todo canto havia só um assunto: o levita que enlouquecido pela morte da mulher que amava, e pela qual empreendera uma longa e perigosa viagem. A história não era bem assim, como vimos, mas essa foi a versão que pegou. Um clima de vingança e ódio contra os habitantes de Gibeá começou a tomar conta de Israel. O que aconteceu? Veremos nos próximos capítulos.

Quem acompanha isto aqui desde os primórdios (e quem conhece um pouco de Bíblia também, claro) deve ter notado a semelhança dessa história com aquilo que aconteceu na casa de Lot, em Sodoma (**aqui**). Só que naquela ocasião os hóspedes eram anjos, e livraram-se mais facilmente.

A GUERRA CONTRA A TRIBO DE BENJAMIM

(Juízes 20)

Como vimos no último capítulo, o episódio da concubina do levita escandalizou todo mundo. Por isso, homens de todo o Israel reuniram-se com os líderes das tribos na região de Mispa, para ali decidirem o que fariam para punir os moradores de Gibeá. E eram muitos: quatrocentos mil homens treinados para a guerra. Os benjamitas ficaram sabendo da reunião e, sabiamente, ignoraram-na. Em Mispa, o homem foi convocado para explicar aos líderes tribais o que acontecera. Ele contou tudo (menos, é claro, que ele mesmo havia botado sua mulher para fora de casa, entregando-a nas mãos dos putos de Gibeá). Estarrecidos pela narrativa, os líderes decidiram: nenhum daqueles homens voltaria para casa. Atacariam Gibeá e castigariam seus moradores pelo crime ali cometido.
Decidido o ataque, os líderes acharam que os habitantes da cidade ainda mereciam uma

chance. Afinal, apenas uma pequena parcela da população havia violentado e assassinado a mulher do levita, não sendo justo destruir toda a cidade por sua causa. Então mensageiros foram enviados a Gibeá, levando a seus moradores a seguinte mensagem:

Seguinte, povo de Gibeá. O bicho pegou para o vosso lado. Entregai em nossas mãos os homens que cometeram tal crime horrível, e assim tiraremos o mal de Israel. Se não o fizerdes, porém, jacaré abraçar-vos-á e a casa cairá.

Apesar dessa mensagem tão clara e enfática, o povo de Benjamim nem deu trela. Pelo contrário: 26 mil soldados benjamitas saíram de todos os cantos da tribo e foram reunir-se em Gibeá para lutarem contra os outros israelitas. Na cidade, juntou-se a eles um pelotão de setecentos homens canhotos. Todos eles atiravam com funda, e eram tão bem treinados que seriam capazes de acertar um fio de cabelo a muitos metros de distância (cá entre nós: o capricho de juntar setecentos canhotos e depois triná-los como fundeiros só podia mesmo ser coisa de veado...). Bom, então ficou assim: vinte e seis mil soldados de um lado, quatrocentos mil do outro. Quem ganharia? Já vamos ver.
Os israelitas foram até o Tabernáculo, que então estava na cidade de Betel. Ali, perguntaram a Javé:
– Qual de nossas tribos atacará os benjamitas primeiro?
Javé, através das pedrinhas **Urim e Tumim**, respondeu:
– Er... Xeu vê... Hum. Judá.
Então, na manhã seguinte, o imponente exército israelita foi acampar perto de Gibeá. Saíram para o combate, os soldados foram colocados em posição de ataque (com os homens de Judá à frente). O exército de Benjamim saiu para a batalha e, antes do fim do dia, matou vinte e dois mil soldados israelitas.
Deprimidos pela derrota, os israelitas voltaram para Betel, e ali choraram até a tarde do dia seguinte. Inseguros sobre o que deveriam fazer, resolveram pedir outra vez orientação a Deus:
– Devemos ir novamente combater nossos irmãos de Benjamim.
E Deus respondeu:
– Sei lá, ué. Tá, tá. Vão sim.
Sem muito ânimo para a luta, mas menos ainda para uma discussão com Javé, os homens foram para Gibeá novamente no dia seguinte. Os soldados se enfileiraram exatamente como no dia anterior, o exército de Benjamim saiu de Gibeá exatamente como antes, e foi outro massacre: dezoito mil israelitas mortos. Dessa vez a tristeza e prostração dos soldados foi bem maior: eles voltaram a Betel e ficaram sem comer nada até a tarde seguinte. Ofereceram vários sacrifícios e depois foram mais uma vez consultar-se com Javé:
– Devemos ir de novo lutar contra Benjamim, ou o Senhor acha melhor desistirmos?
– Podem ir, que dessa vez eu vou dar uma força.
– Olha...
– Vão por mim, pô! Já deixei vocês na mão alguma vez?
Muitos devem ter ficado com vontade de responder, mas cadê coragem? Então partiram no dia seguinte para Gibeá. Fizeram tudo de forma que parecesse a mesma estratégia desastrada dos dias anteriores. Mas havia um pequeno segredo: alguns soldados ficaram

escondido ao redor de Gibeá. Quando os benjamitas vieram atacar, mataram alguns homens nas estradas de Betel e de Gibeá, e também em campo abertos. Mal haviam matado trinta homens e já cantavam vitória. E mais seguros de si ainda ficaram quando viram que o exército inimigo recuava. Começaram a perseguir os israelitas, deixando Gibeá desguarnecida. Quando já iam a uma grande distância, o exército israelita juntou-se novamente em Baal-Tamar, enquanto os dez mil soldados que haviam ficado escondidos saíam de todos os lados e invadiam Gibeá. Eles mataram todos os moradores da cidade e tocaram fogo nas casas. Uma grande coluna de fumaça ergueu-se da cidade. Era o sinal combinado: ao verem a fumaça, os israelitas que até então fugiam deram meia-volta e começaram a atacar os benjamitas. Eles devem ter batido na testa com raiva da própria burrice: estavam sendo vítimas de uma tática de guerra antiquíssima, utilizada com sucesso quando da **tomada de Ai**. Tentaram fugir para o deserto mas não adiantou: a maior parte do exército israelita, agora auxiliada pelos homens que tinham destruído a cidade, começou a perseguir os soldados de Benjamim, matando-os durante a perseguição. Dezoito mil deles foram mortos, os outros ainda continuaram correndo para o deserto. Cinco mil deles foram mortos ainda na estrada, outros dois mil quando já haviam chegado ao deserto. Apenas seiscentos homens conseguiram chegar à rocha de Rimom, um lugar de difícil acesso, e ali ficaram morando por quatro meses.
Viram só? Isso é que é justiça: por causa de uma mulher morta, uma tribo inteira foi quase dizimada. Tempos difíceis, aqueles...

MULHERES PARA OS BENJAMITAS

(Juízes 21)

Depois da guerra contra Benjamim, os israelitas juraram que não permitiriam que suas filhas se casassem com benjamitas. O que, pensando bem, já seria bem difícil: os seiscentos benjamitas remanescentes viviam na rocha de Rimon; que mulher iria procurar um noivo justamente ali? No entanto, o povo ficou triste com o que acontecera, e foi a Betel falar com Javé:
– Ó, Deus, como é que isso foi acontecer? Por que é que uma das tribos de Israel já não existe?
Quanto cinismo! Eles sabiam muito bem por que uma das tribos já não existia: eles dizimaram a tribo de Benjamim. O fato de ainda terem restado seiscentos benjamitas devia-se à sorte, e não à bondade dos israelitas. Mas a hipocrisia é uma planta que a humanidade cultiva desde tempos imemoriais, e já era uma árvore bem grande naquela época. Então eles ergueram ali um altar e ofereceram sacrifícios. Do meio do povo, surgiu a pergunta:
– De todo o Israel, quem é que não foi à reunião em Mispa?
Começaram a se perguntar isso, e acabaram descobrindo que ninguém de Jabes-Gileade havia tomado parte na reunião. Então os líderes escolheram doze mil homens e os enviaram a Jabes-Gileade, com ordem de matar toda a população da cidade, com exceção das mulheres virgens. Havia aí um duplo propósito: punir os dissidentes e arrumar esposas para os benjamitas. Isso é que é justiça: quem não teve nada a ver com a guerra, quem nunca matou um benjamita, esse pagaria pelo massacre de Benjamim. Que

beleza! Os homens foram para lá, fizeram seu massacre e trouxeram de volta a Betel quatrocentas moças.
– Cadê as outras?
– Só tinha essas.
– Pô, mas Jabes-Gileade é uma cidade grande.
– Pois é. Cê já viu alguma cidade grande ter muitas virgens?
– Tem razão.
Mensageiros foram enviados à rocha de Rimon para propor um acordo de paz aos assustados benjamitas. Depois de muito hesitar, eles finalmente concordaram em descer da rocha e ir até Betel. Lá chegando, foram presenteados com as quatrocentas virgens.
– Olha, a gente fica muito agradecido. Mas é que... Bom... Veja bem...
– Pode falar! Não se acanhe!
– Então. Como é que a gente vai... Fazer?
– Fazer o quê?
– Hum. Nós somos em seiscentos homens, vocês nos deram quatrocentas mulheres. Percebem a diferença?
– Putz, é verdade...
– Como é que a gente faz? Esquema de rodízio? Ninguém é de ninguém?
– Hum... Peraí, vamos ver se conseguimos pensar em alguma solução.
Os líderes se reuniram para decidir o que fazer. A tribo de Benjamim não podia acabar, e era dever de Israel cuidar de sua repopulação. No entanto, não era justo que quatrocentos benjamitas recebessem esposas, enquanto os outros duzentos conformavam-se com a punheta, as cabras ou a baitolagem pura e simples. O juramento de não entregar suas filhas aos benjamitas não podia ser quebrado. O que fazer?
A discussão já durava horas, quando um dos líderes disse:
– Ei! Não vai ter festa ali em Siló por esses dias?
– É, vai.
– Taí a solução!
– Hein???
– Já explico...
Ele explicou, e os líderes foram alegremente comunicar a decisão aos benjamitas:
– Vocês estão sabendo da festa ~~de dois anos do *Jesus, me chicoteia!*~~ em Siló?
– Claro! Não se fala de outra coisa por aí!
– Então. Vocês vão à festa, só que vão ficar escondidos no meio das parreiras. Como vocês sabem, é tradição nessa festa as moças saírem dançando em roda pela plantação. Vocês, então, fiquem escondidos nas parreiras e prestem atenção. Quando elas saírem da cidade dançando, cada um de vocês vai sair de seu esconderijo, agarrar uma das moças e levá-la embora para Benjamim.
– MAS QUE PORRA DE SOLUÇÃO É ESSA?
– Uma excelente solução, excelente! Quando os pais ou irmãos delas vierem reclamar, diremos: "Por favor, deixem que elas fiquem por lá. Os caras não têm mulher, e nós só conseguimos quatrocentas virgens pra eles".
– E eles vão aceitar, simplesmente?

– Claro que vão! Tá todo mundo preocupado com o futuro da tribo de Benjamim. Além do mais, eles não vão ter que esquentar a cabeça: não quebraram o juramento, as moças foram raptadas. É genial!

– Juramento? Que juramento?

– Er... Deixa pra lá.

Os benjamitas ficaram desconfiados desse plano dos líderes, ms que alternativa tinham? Chegada a festa de Siló, portanto, esconderam-se nas parreiras e aguardaram. Quando as moças da cidade vieram, cada um raptou uma delas. As moças raptadas foram levadas para Benjamim, juntamente com aquelas capturadas em Jabes-Gileade. Lá eles reconstruíram suas cidades, e trataram logo de repovoar seu território.

Como eu avisei, os capítulos do 17º adiante parecem ter sido inseridos no livro porque o compilador do texto final não sabia o que fazer com eles, e não havia ninguém por perto para dar-lhe a sugestão marota que vocês estão pensando. Então assim, com essa história que não guarda relação alguma com qualquer juiz, termina o livro dos Juízes.